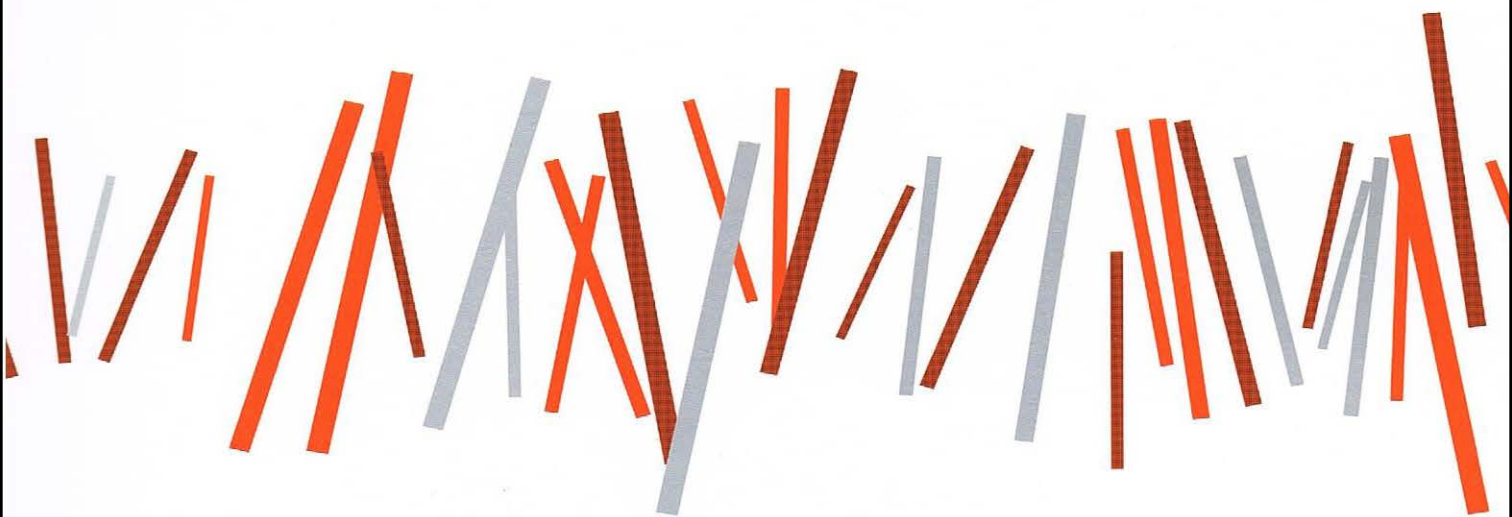
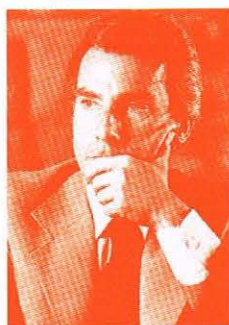


# SÁ CARNEIRO



PENSAMENTO, VISÃO E ALMA.  
40 DEPOIMENTOS.



SÁ CARNEIRO

EVOCÇÃO  
25 ANOS

# SÁ CARNEIRO

PENSAMENTO, VISÃO E ALMA.  
40 DEPOIMENTOS.



SÁ CARNEIRO

---

EVOCAÇÃO  
25 ANOS

## INTRODUÇÃO

Desaparecido do nosso convívio há um quarto de século, Francisco Sá Carneiro permanece uma referência incontornável para o Partido que fundou e para o País que serviu.

Não foram muitos os anos em que participou de forma activa na vida política. Durante apenas um ano exerceu as funções de Primeiro Ministro.

Mas a forma intensa, audaz, inteligente e séria como exerceu a sua actividade política, associada ao pensamento que produziu, granjearam-lhe, por mérito próprio, um lugar na história.

Daí que, 25 anos depois, o Partido Social Democrata tenha decidido evocar Francisco Sá Carneiro. Evocar o Homem, o Estadista e o Político, cuja memória continua a ser a principal fonte inspiradora da nossa acção ao serviço de Portugal.


Esta publicação, integrando depoimentos de personalidades muito diversas que o conheceram, com ele privaram ou trabalharam, é um testemunho vivo e marcante da maneira de ser, de pensar e de agir de Francisco Sá Carneiro.

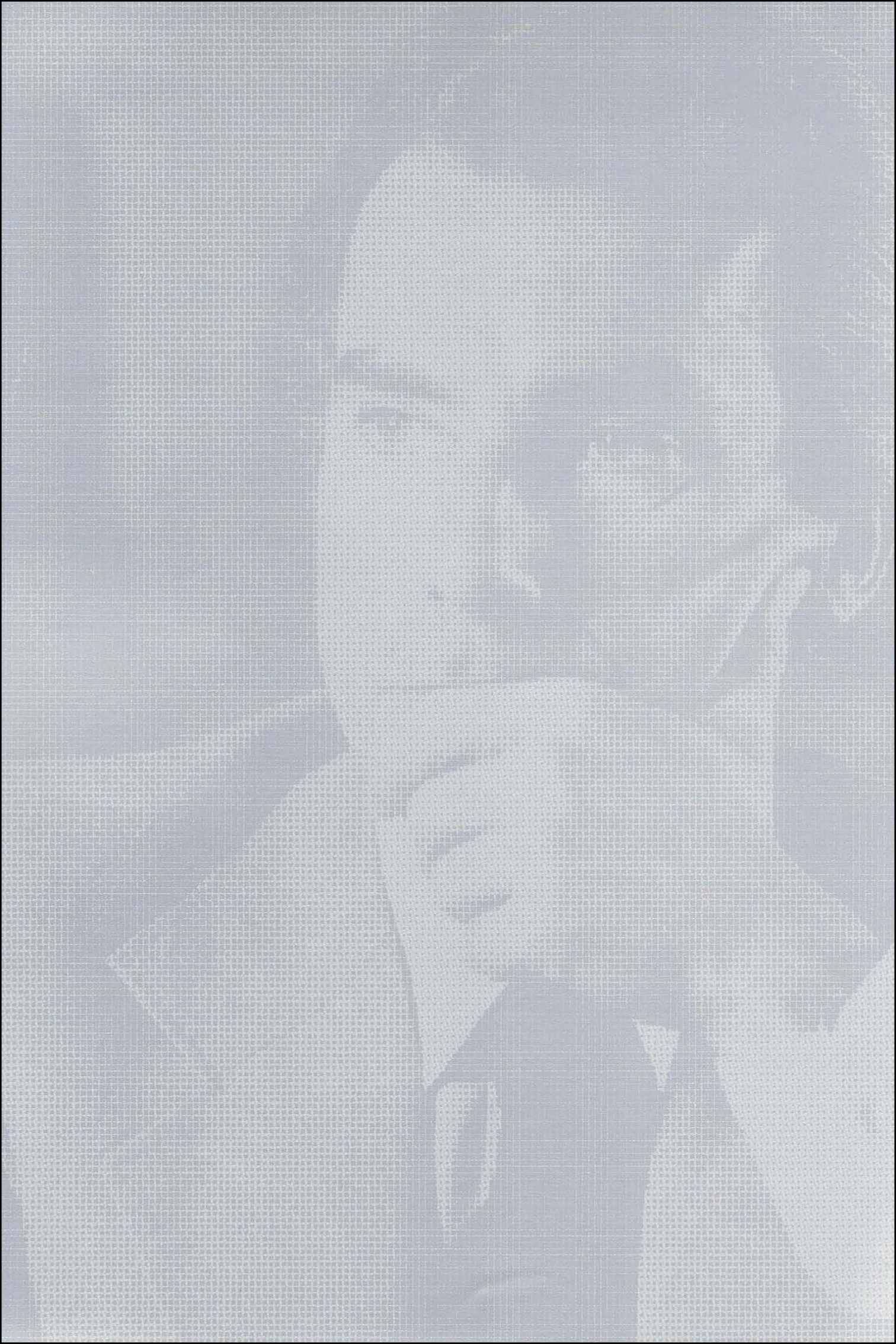
E os testemunhos de jovens que aqui também se inserem são a prova do fascínio que Sá Carneiro continua a exercer sobre muitos e muitos que nunca tiveram a oportunidade de o conhecer.

Ao homenagear Francisco Sá Carneiro cumprimos um dever de justiça e afirmamos a vontade de honrar o seu exemplo.

**O Presidente do PSD,**

**LUÍS MARQUES MENDES**





# SÁ CARNEIRO

PENSAMENTO, VISÃO E ALMA.

## AOS OLHOS DE UMA NOVA GERAÇÃO

62	ANTÓNIO CARMONA MENDES
63	DANIEL FANGUEIRO
64	GONÇALO SARAIVA MATIAS
66	MANUEL NEVES ADELINO
67	PEDRO ESTEVES
68	RICARDO ACTO
70	RICARDO FREIRE
71	RICARDO PEREIRA ALVES
72	RODRIGO MOITA DE DEUS
73	RUI TRINDADE

FRANCISCO PINTO BALSEMÃO	6
(MILITANTE Nº1 DO PSD)	
AGUSTINA BESSA-LUÍS	7
ALBERTO JOÃO JARDIM	8
ALVARO BARRETO	10
AMÂNDIO AZEVEDO	12
ANÍBAL CAVACO SILVA	14
ANTÓNIO CARDOSO E CUNHA	15
ANTÓNIO LACERDA	17
CARLOS MACEDO	19
DIOGO FREITAS DO AMARAL	20
EURICO DE MELO	22
GONÇALO RIBEIRO TELLES	24
JOÃO BOSCO MOTA AMARAL	25
JOÃO LUÍS SILVA CARVALHO	27
JOÃO MORAIS LEITÃO	32
JOAQUIM PINTO MACHADO	33
JORGE TERROSO	34
JOSÉ MANUEL DURÃO BARROSO	35
JÚLIO RESENDE	37
LEONARDO RIBEIRO DE ALMEIDA	38
MAGALHÃES MOTA	40
MANUELA TEIXEIRA	41
MARCELO REBELO DE SOUSA	43
MENÉRES PIMENTEL	44
MIGUEL CADILHE	47
MIGUEL VEIGA	49
MONTALVÃO MACHADO	54
PEDRO ROSETA	56
PEDRO SANTANA LOPES	58
RUI MACHETE	59

Uma, era a satisfação de Sá Carneiro por ter recuperado alguns dos então chamados "inadiáveis". Discordou de mim, quando Lhe recordei que o Povo dizia "quem faz um cesto, faz um cento".

Outro tema de que falámos, ainda hoje me impressiona pela premonição. Eu dizia-lhe que não podia continuar a assumir aquela de, se o General Eanes ganhasse, não permanecer Primeiro Ministro. E Ele teimava ser a solução certa. Então disparei, "mas quem põe Você em Primeiro Ministro?!"

Respondeu: "o Eurico ou o Cavaco".

Madeira  
Julho 1978





Assembleia  
da República  
1980

Comecei a ouvir falar de Francisco Sá Carneiro no fim dos anos 60, aquando da formação da chamada "ala liberal" da Assembleia Nacional, grupo formado por um conjunto de jovens promissores (Pinto Leite, Sá Carneiro, F. Balsemão, Mota Amaral, Mário Pinto, etc.) que Marcelo Caetano tinha desafiado para serem deputados e darem uma lufada de ar fresco num Parlamento largamente dominado por deputados da A.N.P., todos eles fortemente ligados ao antigo regime.

As intervenções de Sá Carneiro na Assembleia Nacional, embora muitas delas filtradas pela censura de então, deram-me logo a ideia de estarmos perante alguém com fortes convicções, grande coragem e capaz de, sem medo, afrontar o regime de então.

Recordo-me em especial de uma sua intervenção parlamentar que, na altura, deu grande reacção nos meios afectos ao regime, em que questionou as condições em que viviam os presos políticos de então, tendo quase sido alvo de agressão por ter levantado essa questão.

Essa forma directa, séria e desassombrada como abordava temas politicamente escaldantes criou, em mim, ainda sem o conhecer, grande admiração e respeito pela sua personalidade.

Pessoalmente só conheci F. Sá Carneiro após o 25 de Abril de 1974, tendo-me sido apresentado por F. Balsemão, aquando da formação do então denominado P.P.D. e imediatamente confirmei a ideia que formara sobre ele através da leitura das suas intervenções parlamentares.

Mais tarde, em 1978, pertencendo eu ao Governo do Prof. Mota Pinto mantive com Sá Carneiro contactos regulares que se intensificaram quando o P.P.D., juntamente com os restantes Partidos com acento parlamentar, chumbaram o Orçamento de Estado para 1979 e em que eu tentei, a pedido do então Ministro das Finanças, convencer Sá Carneiro a que o P.P.D. não votasse negativamente o referido diploma, no que não tive qualquer sucesso, pois Sá Carneiro já nessa altura, com a sua visão e o seu "feeling" político antevia no Governo de iniciativa presidencial a intenção do então P.R. (General Ramalho Eanes) de destruir o P.P.D. e criar espaço para surgir um novo Partido político de iniciativa presidencial (o que veio, como todos sabemos, a acontecer alguns anos depois com a criação do P.R.D.!).

Em 1980 passei a colaborar directamente com Sá Carneiro como Ministro da Indústria e Energia do seu Governo, tendo então tido a ocasião de apreciar em pleno a sua grande visão, inteligência, determinação e coragem, e conhecer em detalhe o seu grande objectivo e a sua estratégia para transformar Portugal num País desenvolvido em que os portugueses usufruíssem do mesmo nível de vida que os restantes povos europeus mais avançados.

A implementação das medidas indispensáveis a fazer o País progredir estavam, nessa altura, fortemente condicionadas por uma Constituição de inspiração marxista e por um Conselho da Revolução, garante do cumprimento da referida Constituição, dominado por pessoas com pensamento político e filosofias de esquerda.

Mas, apesar dessas dificuldades, nunca Sá Carneiro aceitou qualquer compromisso que pusesse em causa o seu objectivo último de transformar Portugal num País moderno, afrontando com grande coragem todos os que directa, ou indirectamente, punham obstáculos às suas orientações e objectivos.

Particularmente interessantes e para mim entusiasmantes eram os chamados Conselhos de Ministros informais (era obrigatório não levar gravata) e onde durante dois dias se discutiam abertamente as opções estratégicas do Governo e a forma de as implementar.

Penso ser relevante salientar que o Conselho de Ministros de então era composto por pessoas de grande craveira quer intelectual, quer profissional, quer política, como eram os casos de Cavaco Silva, Freitas do Amaral, Amaro da Costa, Eurico de Melo, Morais Leitão, F. Balsemão, V. Pulido Valente e outros, o que tornava os debates travados nessas reuniões de grande interesse e profundidade e muitas vezes onde posições divergentes sobre as matérias em discussão não tornava fácil a obtenção de consensos (os debates entre Amaro da Costa e V. Pulido Valente eram memoráveis).

Ora, nessas reuniões, a extraordinária capacidade de liderança de Sá Carneiro agigantava-se, conseguindo manter um espírito de coesão entre todos os membros de Governo, sendo notável o facto que nunca fosse questão importante nesses debates a diferente filiação partidária

dos membros do Governo. Sá Carneiro conseguiu na realidade criar um espírito de equipa entre todos, o que infelizmente não foi a regra noutros Governos a que mais tarde pertenci.

Terminarei dizendo que dos seis primeiros-ministros com quem tive a honra de trabalhar Francisco Sá Carneiro foi, sem dúvida alguma, aquele que mais me marcou e mais influenciou a minha intervenção política ao serviço do País.

Lisboa, 14 Novembro 2005.





Com Pescadores.  
Agosto 1980

Num depoimento que tive a honra de fazer, por ocasião do vigésimo aniversário da sua morte, a convite do então Presidente da Comissão política Nacional do PSD, Dr. Durão Barroso, recordei Sá Carneiro como um exemplo vivo e indiscutível de que a actividade política pode e deve ser exercida com respeito integral dos valores da honestidade, sendo até este o caminho que mais seguramente garante o seu sucesso e eficácia.

E, se o lembro no depoimento que agora me é pedido, cinco anos depois, pelo Secretário-Geral do PSD, Dr. Miguel Macedo, é porque considero que continua a ser importante, se é que o não é cada vez mais, reabilitar a actividade política, essencial para o progresso e o bem-estar dos portugueses. Este objectivo, que deve ser prosseguido sem desfalecimento, só pode ser alcançado quando os cidadãos, especialmente os que têm maior responsabilidade na formação da opinião pública, avaliarem correcta e responsabilmente os agentes políticos, por aquilo que cada um faz ou não faz, renunciando de vez à tendência, leviana, irresponsável e violadora do respeito e consideração que são devidos a cada pessoa, para sentenciar a condenação de todos por causa da conduta reprovável de alguns, com base na afirmação de que os políticos são todos iguais.

Passando em revista o relacionamento, com razoável grau de proximidade e cumplicidade que tive com Sá Carneiro ao longo de cerca de dezassete anos, o que mais me impressionou na sua personalidade e no seu compor-

tamento social e político, independentemente das suas excepcionais qualidades de pensador e homem de acção, foi a seriedade, a honestidade e a frontalidade com que agia e analisava os problemas e o profundo respeito que sempre demonstrava pelos seus interlocutores.

Conheci Sá Carneiro num grupo de casais católicos que se constituiu nos primeiros anos da década de sessenta para dar apoio ao Bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes, condenado ao exílio, que havia de durar dez longos anos, por ter escrito uma carta a Salazar em que, na perspectiva de uma futura entrevista, lhe manifestava algumas discordâncias relativamente a determinadas políticas do seu Governo. Para todos os membros do grupo, esta medida não tinha o mínimo fundamento na lei e revelava-se claramente injusta e arbitraria. O apoio ao Bispo da sua Diocese era, assim, um imperativo de consciência, tanto mais que o Administrador Apostólico não lhe assegurou, os meios indispensáveis para viver com a dignidade inerente à sua condição.

Nas várias reuniões que se sucederam para tratar dos diversos problemas, de particular melindre e complexidade, Sá Carneiro impressionou-me fortemente pela seriedade, clareza e profundidade das suas intervenções e pela sólida fundamentação das suas propostas de acção, designadamente na fase em que o Grupo, sendo já Primeiro Ministro o Prof. Marcelo Caetano, procurou esforçadamente obter deste a garantia de que o Governo não poria obstáculos ao regresso de D. António à

Diocese do Porto. Pelas suas qualidades e pelo seu especial empenhamento, Sá Carneiro agia e afirmava-se naturalmente como um líder, facilmente aceite por todos, até porque era manifesta a sua preocupação de todos ouvir com a devida atenção e respeito e de tomar na devida conta os seus pontos de vista.

A minha opinião foi-se consolidando nos diversos encontros e reuniões que o referido Grupo de católicos do Porto foi tendo antes de se decidir a aceitar o convite que lhe foi feito para indicar quatro dos dez candidatos a Deputados pelo círculo do Porto e ao longo de todo o processo que levou à criação e consolidação da SEDES como espaço de diálogo e debate de temas com carácter social e político orientado no sentido da restauração dos direitos individuais dos cidadãos e, em geral, da instituição de uma democracia de tipo ocidental no nosso país.

Estou seguro de que foi esta a imagem que deixou em todos aqueles que acompanharam e puderam avaliar com um mínimo de interesse e isenção a sua actividade política depois do 25 de Abril de 1974, como fundador do PPD, como seu dirigente máximo, como Deputado e Primeiro Ministro, e de que a sua conduta eticamente irrepreensível pode e deve servir de modelo, e assim tem acontecido em boa medida, sobretudo no PSD mas também noutros partidos, para todos os que se dedicam à actividade política.

Tenho a satisfação de poder dizer que, ao longo destes cerca de dezasseis anos de intensa participação em actividades sociais e políticas, em que foi obrigado a enfrentar situações da maior dificuldade e complexidade, estive sempre ao seu lado, livremente e de acordo com a minha consciência, sem me deixar impressionar pelas acusações de seguidismo com que muitas vezes, com manifesto desprezo, era mimoseado.

Porto, 19.11.2005

Lamego  
Novembro 1979

## SÁ CARNEIRO

Passados 25 anos sobre a morte de Sá Carneiro, talvez seja mais fácil, com a distância do tempo, perceber e avaliar o papel-chave, embora infelizmente muito curto, que Sá Carneiro, desempenhou na conquista da democracia portuguesa, antes e depois do 25 de Abril.

Antes bateu-se corajosamente, numa luta por vezes quase solitária, na então Assembleia Nacional, pela defesa dos direitos e liberdades fundamentais dos indivíduos. Quando o caminho se revelou excessivamente armadilhado, renunciou ao lugar de deputado.

A espera não foi longa e depois do 25 de Abril, vemo-lo logo a retomar o projecto interrompido pela força da história. E, apesar das condições serem diferentes, também a luta não foi nada fácil, até à sua morte trágica e prematura, a 4 de Dezembro de 1980. Foi sempre uma voz incómoda, antes e depois da revolução dos cravos. Preocupado primeiro que tudo com Portugal, a sua determinação foi, antes e depois, mal interpretada e valeu-lhe críticas que não merecia.

Já tinha uma grande admiração por Sá Carneiro, mas só o conheci pessoalmente depois do 25 de Abril.

Depois da minha ausência em Inglaterra para concluir em York o doutoramento que tinha iniciado em Portugal, voltei precisamente 10 dias antes da revolução. A princípio um pouco atordoado com o turbilhão de acontecimentos, é logo em Maio de 74 que encontro a voz de Sá Carneiro a dar conta de preocupações e ideias que

partilhava, através de uma intervenção na TV. Era uma voz de sensatez e preocupada com a construção do futuro, tal como eu, numa altura em que todos pareciam mais interessados em ajustar contas com o passado.

Em fins de 1979, Sá Carneiro convenceu-me a suspender a actividade académica e a aceitar o lugar de Ministro das Finanças e do Plano. Foi um trabalho exigente e difícil, mas Sá Carneiro tinha o dom de motivar plenamente as pessoas para os projectos em que acreditava e que nunca eram pessoais. Acima de tudo estavam os interesses de Portugal e quem trabalhou com ele, sentia logo essa prioridade.

Mesmo aqueles que viam nele apenas um político irrequieto e frontal, mais talhado para a oposição do que para governar, acabaram por se render à figura de estadista que construiu no pouco tempo que foi Primeiro Ministro.

Quando em Dezembro de 1980, a morte o levou apenas 11 meses depois de ter tomado posse, os portugueses já lhe tinham dado o estatuto e o lugar na história que verdadeiramente merecia e lhe pertencia.

Passados já 25 anos sobre o seu desaparecimento, é consensual que Sá Carneiro foi uma figura marcante na construção da democracia representativa de tipo ocidental e do estado de direito que hoje é um dado adquirido para todos os portugueses. É por isso uma referência marcante da política portuguesa do século XX e credora de admiração dos portugueses.



LISBOA, 1970

Conheci Sá Carneiro em Setembro de 1971 em Angola quando, na qualidade de deputado à Assembleia Nacional participou, integrado num pequeno e seleccionado grupo de membros da "ala liberal", numa visita a convite das Associações Económicas locais que se afirmavam numa corrente de oposição ao governo de Lisboa.

Angola vivia uma época de fulgurante actividade, com taxas de crescimento surpreendentes e uma progressiva consciência da sua individualidade política. A Guerra colonial, nessa altura em curso, tinha pouco impacto na vida social do grande país que acordava. Era evidente o desfasamento e a incapacidade do governo central para compreender e dominar a febre de realização e de progresso que dia a dia se reforçava.

Essa visita foi deliberadamente organizada num contexto de provocação, particularmente em relação ao ministro do Ultramar, Silva Cunha, que personalizava a imagem do inaceitável domínio colonial das autoridades de Lisboa. A visita foi um enorme sucesso, o ministro ficou furioso e os desejos de crescente autonomia tiveram um forte impulso positivo. Como se iriam desenvolver impulsos e como se articulariam com os movimentos políticos de independência em guerra aberta era a grande questão do momento.

Sá Carneiro e os seus companheiros tiveram clara consciência dos problemas, positivos e negativos, que marcaram todo o percurso da visita. Os dados concretos da questão colonial, muito pouco conhecidos em Lisboa, informaram os jovens deputados e marcaram atitudes que influíram na evolução do afastamento desse grupo

em relação a Marcelo Caetano.

Sá Carneiro foi claramente a vedeta da ocasião. Arguto, exigente, interessado, lúcido, deixou a todos a impressão marcante do líder político potencial que viria a conformar-se a curto prazo. Tive ocasião, posteriormente, de assistir no parlamento de Lisboa a algumas das suas corajosas intervenções que abalaram o regime e procederam uma rotura política que veio a concretizar-se a curto prazo. Não foi surpresa para mim, nem para ninguém, vê-lo no comando de uma das primeiras iniciativas do país democrático – a fundação do PPD em 1974.

Entretanto Sá Carneiro confirma a liderança do partido, consolida a sua imagem de político determinado e prepara o ataque eleitoral de 1979.

Nesse período reencontrei Sá Carneiro que tem para mim a atenção pessoal de subscrever a minha ficha militante. Acompanho-o na campanha das eleições legislativas e no Governo da Aliança Democrática, que liderou.

A duração do seu governo, na realidade pouco menos de um ano, parece-me hoje muito mais longa. Sá Carneiro revelou-se um chefe respeitado e um estratega competente. As relações com os ministros foram práticas, eficientes e muito agradáveis. O país rendeu-se às suas qualidades e desenvolveu um caso singular de exaltação popular que culminou nas impressionantes manifestações do seu funeral.

No Ministério da Agricultura o trabalho político era fundamental. Estava em curso a "reforma agrária"

## ANTÓNIO CARDOSO E CUNHA

e a oportunidade de corrigir exageros revolucionários foi naturalmente a principal tarefa. O Primeiro Ministro acompanhou pessoalmente todo o processo, deu-lhe o seu aval permanente e manteve sempre uma atitude cooperante e disponível. As frequentes reuniões na Rua Gomes Teixeira eram, para lá da necessidade formal, ocasiões de grande prazer pessoal. Não consigo esquecer a sua pequena estatura, o belo olhar penetrante e inteligente, o fumo do charuto que frequentemente o envolvia.

A fatídica noite de 4 de Dezembro de 1980 está para sempre gravada na minha memória. O enorme respeito pessoal transformou-se quase em idolatria. Privei posteriormente com muitos homens políticos notáveis, mas Sá Carneiro foi seguramente a personalidade que mais me impressionou.



### SÁ CARNEIRO, VINTE CINCO ANOS DEPOIS.

Eu tinha 21 anos em vinte e cinco de Abril de 1974, mas Sá Carneiro era já referência para mim e tantos outros, atentos às suas corajosas intervenções políticas enquanto membro da "ala liberal" na Assembleia Nacional. O pouco que era publicado – a censura tinha mão pesada – era avidamente lido e absorvido. Daí que mal a criação do PPD foi anunciada, eu aderi, em espírito, imediatamente. Vim a aderir, de facto, poucas semanas mais tarde, sem proponente na minha ficha de inscrição.

Era eu, verdadeiramente, um social democrata?! Honestamente, não sei. Não me revia no regime que acabara de cair: guerra colonial; falta de pluralismo e democracia; censura e polícia política; isolamento em relação às demais nações. Mas também não me revia nos socialismos, com variados ingredientes de marxismo e outros leninismos, que se nos apresentavam. Tendo uma visão progressiva do que deveria ser o modelo social, o conservadorismo, com ou sem tónica religiosa, não era igualmente uma opção. E aparece Sá Carneiro com uma proposta de Social-democracia portuguesa. Proposta que reunia, em simultâneo, o personalismo, o humanismo e uma visão reformista e progressiva da sociedade. Tudo numa perspectiva portuguesa! Em suma, um projecto com todos os ingredientes com os quais eu me identificava.

O facto de o PPD não pertencer a nenhuma internacional política, acentuava o portuguesismo dessa mensagem, e o seu factor apelativo para muitos portugueses, em especial os jovens.

A Juventude Social Democrata teve sempre um especial lugar no pensamento, e no coração, de Francisco Sá Carneiro. Eu tive o privilégio, histórico, de trabalhar durante anos com Sá Carneiro, a nível do partido, enquanto representante da JSD, JSD que me viria a eleger como seu primeiro presidente. Imagine-se a honra que eu tive, e tenho, de partilhar essa primeira qualidade, presidente da Juventude Social Democrata, com uma personalidade como a de Francisco Sá Carneiro!

Desse contacto estreito ficaram-me várias memórias: A luta pela consolidação da democracia e pluralismo. A exigência que se referendasse a Constituição resultante do Pacto MFA – partidos. O fim do Conselho da Revolução. A revisão da delimitação do sector público e privado, como contraponto à "irreversibilidade das nacionalizações" e do "caminho para o socialismo" inscrito na Constituição. O seu projecto de "Constituição para os Anos Oitenta".

Outra vertente, inesquecível, de Sá Carneiro, era a sua ligação às bases, e a sua rejeição de tudo o que fosse "yes man" – sim senhores, ou lambe-botas, em linguagem corrente.

Sá Carneiro amava o debate. Sá Carneiro amava o confronto de ideias. Defendia os seus pontos de vista com convicção, mas nunca o vi a tentar impor um ponto de vista. Pelo contrário, em reuniões importantes, em que decisões importantes eram esperadas, era o último a usar a palavra, quase sempre para fazer a síntese das opiniões expressas e tirar a conclusão. Mas o seu carisma funcionava, impunha-se ... o brilho dos seus olhos, para quem

## ANTÓNIO LACERDA

Primeiro Presidente Nacional da JSD

o conhecia, davam uma indicação perfeita do quanto ele estava, ou não, de acordo, com aquilo que outros diziam. A Sá Carneiro se deveu a autonomia da JSD, que ainda hoje prevalece, em boa medida. A ele se deveu a atribuição de um orçamento autónomo, gerido autonomamente. A indicação, para lugar elegível, doa primeiros candidatos a deputados de uma organização juvenil partidária. O parecer, a nível interno do partido, da JSD quanto à personalidade que viria a ocupar a titularidade do Ministério da Educação e da Defesa num governo do ou com o PPD.

Sá Carneiro era uma personalidade altamente empática, e capaz de criar paixão. E nem sempre positiva. E nem sempre só fora do partido... Para a história ficam as dissidências do pós-congresso de Aveiro, e das "Opções Inadiáveis". Quer num caso quer noutro, Sá Carneiro estava no caminho certo, porventura um pouco antes do tempo, dada a sua enorme capacidade de visão política. Num caso e no outro valeram-lhe as bases do partido, de todas as classes – o PPD foi sempre, como hoje é o PPD/PSD, um partido interclassista. E a JSD, sempre fiel ao que veio a ser o seu Presidente Honorário.

Impressionante como Sá Carneiro se movia, dialogava, compreendia, e interpretava o sentimento, e o querer de classes sociais tão diferentes. Do trabalhador agrícola Duriense, aos frequentadores dos salões dourados de Lisboa; Dos profissionais liberais do Porto, aos rendeiros do Alentejo e aos operários das várias cinturas industriais. Podia mudar o cenário, ou o ambiente, o resultado era sempre o mesmo, Sá Carneiro sempre se sentia em casa...

E as autonomias?! Pergunta-se, ainda hoje, aos Madeirenses e aos Açorianos, e não apenas aos contemporâneos de Sá Carneiro, o que dele pensam, e o que lhe devem.

Sá Carneiro deixou-nos sem aviso prévio, nas condições trágicas que se conhecem – dramático como se necessitam tantos anos para se saber a verdade. Tantos sonhos e projectos, com os quais tantos de nós se identificavam e identificam, que partiram literalmente em chamas...

Sá Carneiro, no auge das incertezas políticas que o país atravessava na altura – inclusive em 1980, já que a primeira revisão Constitucional só ocorreu em 1982, afirmou... "Portugal é um país onde os velhos não têm presente, e os jovens não têm futuro".

Vinte e cinco anos passados, graças às sementes da Social Democracia então lançadas, graças ao seu exemplo e à sua coerência, foi possível solidificar um grande partido, não apenas com um grande projecto, mas hoje também com uma grande obra.

Com o PPD/PSD, herdeiro do PPD e do "Sá-Carneirismo", hoje temos um país onde é bom viver. Todas as gerações!

Obrigado Sá Carneiro.



de Aiguales  
1979

O PSD pediu-me para escrever umas palavras sobre o Francisco Sá Carneiro.

Escrevo-o com dois sentidos: o primeiro com a amizade e o segundo pela convergência política e respeito que nos unia.

O Francisco Sá Carneiro era um democrata com profundo sentido português.

Tivemos alguns momentos de discordância não de essência mas de existência, até que convergimos em pleno quando sentimos, e ele em pleno, que o futuro da nossa democracia passasse por dois pontos essenciais:

1. Que era fundamental tirar a presença do MFA da constituição política;
2. Demonstrar, democraticamente, que a esquerda não era maioritária.

O Francisco Sá Carneiro ganhou nas duas frentes, sobretudo por intermédio da Aliança Democrática.

Porque a realidade democrática era possível com ele, sem alinhar com interesses "militaristas" e "maçons", ele foi morto em 4 de Dezembro de 1980.

Antes aconteceu com o Rei D. Carlos e o Major Sidónio Pais.

Veremos se o futuro é construtivo ou continuamos na mediocridade!

Tenho receio que os mediocres se mantenham!!!

CARLOS MACEDO





Porto  
Novembro 1979

### O EXEMPLO DE UM GRANDE HOMEM

Estávamos em plena campanha eleitoral, a primeira da AD (1979). Organizada sobretudo pela famosa máquina do aparelho do PSD, fez os três líderes da coligação percorrerem Portugal de lés a lés, incluindo Açores e Madeira, com uma média de 20 pequenos ou médios comícios por dia, de localidade em localidade, e acabando sempre à noite num grande comício em cada capital de distrito.

Os comícios – como por toda a parte nos era dito – eram os maiores de sempre, em cada terra, em eleições legislativas. Não admira: antes, o PSD juntava 24% do eleitorado e o CDS 16%; agora, somávamos à partida 40% e acabaríamos acima dos 45%! Era um mar de gente! E que entusiasmo, que alegria, que esperança naqueles milhares de rostos!

Mais ou menos a meio da campanha, Francisco Sá Carneiro aproveita uma pausa para nos dizer, ao Gonçalo Ribeiro Telles e a mim, que precisava de conversar connosco a sós, mas não sabia quando, pois tínhamos os dias completamente cheios. Aí, eu sugeri que no dia seguinte – estando previsto cerca de uma hora –, poderíamos ir os três sozinhos no meu carro, oferecendo-me eu para guiar. Eles concordaram.

A meio da manhã lá nos metemos os três na viatura, e, comigo ao volante, iniciámos a viagem – o Gonçalo e eu um tanto ou quanto intrigados. Qual seria o assunto?

Depressa, porém, se dissipam as nossas dúvidas, Sá Carneiro expõe-nos, com a maior frontalidade, o seu pro-

blema de consciência:

- Quero colocar-lhes aqui uma questão delicada, antes que seja tarde. A campanha está a correr bem, as sondagens são-nos favoráveis, tudo parece pois encaminhar-se para a vitória da AD com maioria absoluta. Se assim for, seremos chamados a formar governo, e para tanto teremos de indicar um Primeiro Ministro. No meu partido, todos acham que o Primeiro Ministro devo ser eu. Mas eu, pela parte que me toca, tenho duas perguntas a fazer-lhes: concordam vocês, e concordam os vossos partidos, que eu seja a pessoa a indicar para tal cargo? E não vêem dificuldades na minha escolha, decorrentes da situação “conjugal” em que vivo?

Após uma breve pausa, continuou:

. Como sabem, há cerca de três anos que estou separado da Isabel, minha mulher. Já lhe pedi várias vezes o divórcio, mas a lei não mo dá. Segundo a lei actual (que eu não deixarei alterar por minha causa), só ao fim de cinco anos de separação é que é possível obter o divórcio sem o consentimento do outro cônjuge. Entretanto, encontrei a Snu Abecassis, que vocês conhecem (ela andava sempre connosco na campanha), apaixonámo-nos um pelo outro, e decidimos viver juntos. Não é uma aventura passageira: é uma relação duradoira. Considero-a para todos os efeitos minha Mulher. Mas a situação é delicada. Não será decerto aceite por toda a gente, em especial nas bases dos nossos três partidos, algumas bastantes conservadoras. Que lhes parece? Vêem nisto um impedimento a que eu seja Primeiro Ministro? É que, se virem, eu ficarei fora do Governo e a AD indicará outro nome, do PSD, para a chefia

do Executivo. Era sobre isto que os queria ouvir, sem mais ninguém à volta.

Apesar do melindre do tema (estávamos em 1980, e ainda nem sequer se falava em "uniões de facto"), senti que, como líder do segundo maior partido da coligação, era a minha vez de falar. E disse:

- Francisco: antes de mais, deixe-me que lhe diga quanto aprecio a franqueza - e ao mesmo tempo a humildade democrática - com que nos coloca essas questões, e o desprendimento com que admite a hipótese de, ganhando as eleições, não vir a ser Primeiro Ministro.

Entrando agora na substância das questões colocadas, a minha resposta é sim às duas. Quanto à primeira, e mesmo abstraindo agora das suas excepcionais qualidades de liderança, acho evidente que o presidente do maior partido da coligação, e líder da AD, é que deve ser o Primeiro Ministro, se ganharmos. Quanto à segunda questão, também acho que a sua situação familiar não deve constituir impedimento a que seja proposto e nomeado Primeiro Ministro. Se se tratasse de escolher um candidato a Presidente da República, talvez houvesse que ponderar melhor o problema. Agora, um Primeiro Ministro é um chefe político, é o comandante das forças que apoiam o Governo e é quem conduz o combate democrático contra as oposições.

Não se lhe pede que seja um modelo de conduta privada, mas sim que seja um bom gestor da coisa pública. Um Primeiro Ministro não pode ser julgado por parte dos eleitores em função da sua vida familiar, mas sim em função da forma como governa o Estado. Para mim, e em nome do CDS, o Francisco deve ser, sem qualquer dúvida, o candidato da AD a Primeiro Ministro.

Sá Carneiro manteve-se em silêncio. Foi a vez de Gonçalo Ribeiro Telles falar:

- Eu tenho pouco a acrescentar ao que o Diogo disse. Penso exactamente da mesma maneira. Por mim, e pelo PPM, o Francisco é o candidato da AD a Primeiro Ministro.

Estávamos a chegar a Coimbra. Senti estar a viver um momento histórico. Sá Carneiro, muito calmo, declarou apenas:

- Muito obrigado pela vossa opinião. Sei que estão ambos a ser totalmente sinceros comigo, e que não me dizem o que disseram apenas por uma razão de simpatia. Fica então combinado que, se ganharmos, a AD proporá ao Presidente da República o meu nome para Primeiro Ministro. Restará depois saber se o Presidente me aceita como tal, mas isso ver-se-á na altura própria.

Estava ali outro tema bem interessante de conversa a três. Mas já não havia tempo. O carro estava a parar no local combinado, em Coimbra, onde uma longa e animada caravana nos esperava aos gritos de: Vitória! Vitória! Vitória!

Não posso deixar de comentar, no final desta pequena história, que ela encerra uma grande lição: nunca conheci ninguém, em Portugal ou no estrangeiro, que, à beira de uma vitória eleitoral estrondosa, fosse capaz de mostrar tanta honestidade pessoal, tanta lealdade para com os parceiros da coligação, e tanto desapego ao Poder!

Francisco Sá Carneiro era, de facto, um grande Homem.



Entrega de terras  
Abril 1980

Meu Caro Francisco:

Penso que a melhor maneira de o lembrar e honrar a sua memória é escreve-lhe uma singela carta, recordando o passado e falando-lhe do presente, com esperança no futuro. Recordo, com emoção, os tempos tumultuosos do pós 25 de Abril, quando tudo era difícil mas quando, por isso mesmo, ainda mais valia a pena ser político, pugnando por causas nobres, a da liberdade e da democracia.

Lembro, com orgulho, o "seu combate" contra a ditadura comunista que alguns pretenderam instalar em Portugal sob a égide do Conselho da Revolução. Era o tempo da "democracia tutelada e militarizada" como tantas vezes lhe ouvi dizer.

Vêm-me à memória os problemas que teve dentro do próprio Partido e quando uma vez me disse: "Engenheiro, vamos travar a nossa luta para o Norte; já não nos querem aqui em Lisboa".

Foram momentos difíceis mas exaltantes, foram desafios enormes e estimulantes que soube vencer com a sua inquebrantável vontade e coragem política.

Podia também recordar, com vontade, coisas pequenas mas significativas que marcaram profundamente a nossa relação.

A nossa saída do Parlamento, em dia particularmente agitado, quando foi votada a chamada "Lei Barreto". Os vários almoços e jantares em que ao prazer da mesa associávamos o deleite de uma boa conversa política.

Mas especialmente recordo as últimas palavras que trocámos. Foi no Hotel Altis, em Lisboa, por volta das seis da tarde do dia 4 de Dezembro.

Abordando um assunto sensível e melindroso, você relatou-me o que se tinha passado em reunião havida no Ministério da Defesa Nacional. "Acho que fez uma grande asneira" comentei. Respondeu-me: "talvez tenha razão. Amanhã falamos no assunto".

Não tivemos ocasião de voltar a abordar a questão. Cerca de 2 horas depois vi-o carbonizado numa estreita rua de Camarate. O choque não podia ser maior.

Restava-me a última homenagem que lhe devia prestar. Foi o que fiz, acompanhando-o, a pé, do Mosteiro dos Jerónimos até ao Alto de S. João. A tristeza que então sentia só era comparável à admiração que tinha pelo amigo e pelo político que acabava de perder.

Passaram-se 25 anos. Da sua luta ficou a liberdade e a democracia. Mas à liberdade tem faltado o sentido de responsabilidade e a democracia está longe de ter a qualidade que devia ter.

O seu grande receio, que tantas vezes comigo partilhou, de os Partidos políticos se transformarem em "corporações" foi-se acentuando com o tempo.

Esse mal contagiou outras instituições. Da Justiça à Economia, do Sindicalismo às Associações Patronais, das Forças de Segurança às Forças Armadas, do Parlamento às Câmaras, do Ensino à Saúde tudo é gerido por "corporações de interesses" onde falta o espírito do interesse colectivo ou nacional.

A política degrada-se, à democracia, falta a dimensão económica e social, a cultura é um clube fechado, pautado pela vaidade e pelo auto-elogio.

Quão diferentes são estes tempos com aqueles que você viveu. Nesse período o espírito de missão, a vontade de lutar por um projecto e a credibilidade política eram objectivos permanentes e sagrados.

Meu caro amigo: você não pode voltar.

Mas de si ficou uma semente política que, quando menos se esperar, poderá dar uma bela árvore para abrigar os Portugueses.

É isso que espero e para breve.

Com saudade e amizade,

Eurico de Melo

Santo Tirso, 16 de Novembro de 2005



Caldas da Rainha  
Novembro 1979

Conheci Francisco Sá Carneiro na altura em que ele estava a planear a participação de um grupo de deputados na Assembleia Nacional que viriam a ser designados de Ala Liberal, com o objectivo de tentarem preparar pacificamente a democratização do País, que então vivia sob o regime da constituição de 1933. Hoje, todos sabemos reconhecer a importância da intervenção daquele grupo de deputados na abertura do caminho para uma democracia aberta e de cariz social.

Embora com os mesmos objectivos, optei por seguir outra via ao integrar o grupo de monárquicos de oposição declarada ao chamado "Estado Novo", o movimento que culminaria com a presença no Congresso Democrático de Aveiro, até então denominado de republicano.

Viria a reencontrar Sá Carneiro nos governos provisórios e pude admirar, nesse período conturbado, a sua verticalidade na defesa de princípios e valores que nos eram comuns, na afirmação das suas convicções e na tenacidade com que defendia propósitos de objectiva intervenção política.

As suas atitudes e acções muito contribuíram para que a democracia pudesse atravessar com êxito um mar encapelado, cheio de escolhos, onde as utopias revolucionárias e culturais ocultavam as pretendidas soluções totalitárias.

Mais tarde, Francisco Sá Carneiro sentiu a necessidade de criar a Aliança Democrática e reconheceu num pequeno partido sem visibilidade eleitoral, o Partido Popular Monárquico de então, a qualidade de um programa

político moderno onde a base ecológica sugeria novas ideias para o desenvolvimento do interior do País, para a recuperação da agricultura e para uma melhor afirmação social, cultural e económica do mundo rural no contexto nacional. A Aliança Democrática possibilitou a presença do ideal monárquico, no contexto democrático da Assembleia da República, dando-lhe uma maior visibilidade junto da opinião pública e permitiu um maior reconhecimento, a todos os níveis, da figura de SAR o Senhor D. Duarte.

Apesar de ter sido depois do seu desaparecimento, já no VIII Governo Constitucional, que se completou a legislação de ambiente e de defesa das qualidades do solo nacional, Sá Carneiro sabia que, ao convidar o PPM de então para integrar a Aliança Democrática, estava a abrir caminho à concretização das políticas de ambiente e de ordenamento do território que constavam, em boa parte, do programa daquele pequeno partido e que foram igualmente defendidas e desenvolvidas, em grande medida, por Carlos Pimenta no PSD.

Fui não só amigo de Francisco Sá Carneiro, mas também seu admirador. Admirei a sua inteligência, o seu sentido de serviço, a sua dedicação ao interesse nacional e as suas qualidades de estadista, que fazem dele uma personagem incontornável do Século XX em Portugal.

O tempo de Sá Carneiro marcou a história. Saibamos nós, os seus admiradores, continuar na política com a mesma firmeza de convicções.



Fevereiro 1976

## FRANCISCO SÁ CARNEIRO

### E A INTEGRAÇÃO EUROPEIA DE PORTUGAL

No seu breve mandato como Primeiro Ministro de Portugal, Francisco Sá Carneiro deixou marca do seu firme compromisso com o ideal europeu.

Definido como a prioridade das prioridades da política externa do VI Governo Constitucional, o processo das negociações para a entrada de Portugal na Comunidade Económica Europeia, como então se designava, foi retomado e acelerado.

O próprio Sá Carneiro nele se envolveu, visitando pessoalmente cada uma das capitais dos dez países ao tempo membros da organização, para conversações ao mais alto nível.

O pedido de adesão tinha sido formalizado logo no início da fase constitucional da nova democracia portuguesa. Mas a instabilidade política que caracterizou esse período, não foi propícia a grandes avanços.

No curto espaço de três anos e meio, entre Maio de 1976 e Janeiro de 1980, o nosso país conheceu cinco executivos, cada um deles com a sua peculiar tonalidade ideológica e programática, liderados por quatro diferentes primeiros-ministros, de personalidades bem vincadas.

E por cima de todos eles pairava, na cúpula da orgânica constitucional do Estado, o Conselho da Revolução, presença activa do poder militar revolucionário, aliás dilacerado pelas evidentes tensões entre as suas

diferentes alas, numa resultante ambígua quanto ao modelo de sociedade a implantar em Portugal, em aplicação dos princípios inscritos no texto inicial da Constituição de 1976 relativos à transição para o socialismo.

Naquela época, hoje já tão esfumada no ambiente de geral de desmemorialização em que vivemos, a Europa comunitária era por muitos exorcizada como expressão máxima dos males do capitalismo liberal... (E ainda nem se sonhava com o que viria a ser, nos nossos dias, o sistema deixado à solta pela força, passageiramente triunfante, do neo liberalismo económico...).

Em consequência de tal rejeição, os modelos do socialismo distributivo dos países nórdicos e mesmo do socialismo anti- gestor, que se julgava estar dando frutos, sob a ditadura do General Tito, na Jugoslávia, gozavam de prestígio e apontavam para vias divergentes do projecto político concretizado na CEE. Quanto aos adeptos do chamado socialismo real, os paradigmas eram mais duros ainda.

Francisco Sá Carneiro tinha fortes convicções europeias, manifestadas desde o início da sua intervenção política, no final da década de sessenta do século passado, com a Ala Liberal.

A Europa comunitária era identificada como referência, pela força das instituições democráticas dos países nela participantes e pelo dinamismo económico decorrente da livre iniciativa e da integração dos mercados. A sociedade portuguesa deveria organizar-se conforme esse modelo, garantindo aos cidadãos a liberdade

# JOÃO BOSCO MOTA AMARAL

e os direitos cívicos. O desenvolvimento da economia nacional, absolutamente necessário para proporcionar um padrão de vida melhor a todos os portugueses, iria beneficiar com a abertura à Europa. Aliás, em favor dessa mesma Europa já se haviam manifestado cerca de um milhão de concidadãos nossos, em regra na flor da idade, que, desafiando as leis restritivas então em vigor, tinham emigrado a salto para a França, para a Alemanha e outros países da CEE.

Com a Revolução do 25 de Abril caíram as barreiras à nossa participação no concerto dos países democráticos europeus. A adesão à CEE assumiu mesmo premência decisiva, para ancorar fortemente Portugal na área geo-estratégica das democracias parlamentares ocidentais, ao tempo em confronto aberto com as chamadas democracias populares da outra metade da Europa, mantida sob a férula soviética do Pacto de Varsóvia.

Para Francisco Sá Carneiro, entre as rupturas necessárias ao nosso país no rescaldo do período revolucionário, a integração europeia vinha no topo. Prevendo as resistências que naturalmente surgiriam a um tal projecto modernizador, empenhou a sua carismática liderança na obtenção de uma maioria absoluta, indispensável à estabilidade governativa, para a qual foi instrumental a Aliança Democrática.

O eleitorado compreendeu o desafio e proporcionou a desejada maioria parlamentar nas eleições intercalares de Dezembro de 1979, reforçando-a mesmo naquelas que se seguiram, conforme o prazo constitucional previsto, em Outubro de 1980.

A trágica morte de Francisco Sá Carneiro, no apogeu do seu percurso como líder político e estadista, não

lhe permitiu saborear as grandes vitórias democráticas das revisões constitucionais posteriores, que o projecto europeu de algum modo alavancava, nem tampouco a efectiva entrada de Portugal na CEE e a vertiginosa evolução a partir daí verificada, relativamente a alguns aspectos da qual ele não deixaria de ter, julgo eu, bem fundadas reticências.

A normalização das nossas instituições democráticas, com a extinção do Conselho da Revolução e a inserção das Forças Armadas no quadro do poder civil do Estado, veio a ser operada em 1982. Mas a eliminação das grades constitucionais do socialismo colectivista, desde sempre combatido por Francisco Sá Carneiro, tornando possível as reformas estruturais, económicas e também políticas, conformes ao ideário europeu, só aconteceu, por virtude de bem conhecidas teimosias, em 1989, escasas semanas antes da queda do Muro de Berlim.

Vem a propósito uma referência aos grandes avanços do regime autónómico democrático dos Açores e da Madeira, que Francisco Sá Carneiro determinantemente apoiou desde o início, verificados nas revisões constitucionais de 1997 e 2004. Isto porque as regiões autónomas portuguesas têm desempenhado também um papel importante na afirmação de Portugal no ambiente pluralista da grande Europa.

Um quarto de século depois do desaparecimento físico, da cena política, de Francisco Sá Carneiro, o seu pensamento político, a sua rasgada visão, o seu sonho para Portugal, continuam a evidenciar notável fecundidade.



O Sr. Dr. Miguel Macedo, Secretário-Geral do PSD, convidou-me a testemunhar sobre a personalidade, o pensamento e a obra de Francisco Sá Carneiro. Convite muito honroso, desafio que abraço por obrigação e com devoção, mas que apenas se justifica por este modesto “aplicador da Ciência” (Lobo Antunes) ter tido, com Sá Carneiro, a ventura da proximidade e relacionamento privilegiados decorrentes de uma amizade mútua, cúmplice e profunda.

Apelo à memória sem a preocupação de fazer história – outros, mais capazes, a farão melhor do que eu – para, como contributo de evocação, respigar alguns traços do passado, alicerces que foram da construção de uma personalidade que, no presente, mantém vivos os valores, as referências e os heróis. Porque, também eu, não quero “morrer de frio” (Miguel Veiga).

Preciso de situar quem tenha a desdita de me ler.

Conheci o Francisco Sá Carneiro no ano de 1970, por ocasião do desastre de helicóptero em que faleceram, entre outros, os deputados Pinto Leite e Leonardo Coimbra. Nessa época, o Francisco era um jovem advogado de sucesso que brilhava na Assembleia Nacional e agitava o país.

Encontrava-me nos primeiros anos do Curso de Medicina e frequentava, de forma apagada, a associação de estudantes da minha Faculdade, as manifestações estudantis e os comícios da CEUD e CDE (Coliseu do Porto, 1969).

A conversa política tinha espaço todos os dias e brotou espontânea, pujante, logo nos primeiros contactos com Francisco Sá Carneiro. Como todos (quase todos) os que com ele conviveram, fiquei desde os instantes iniciais fascinado pela sua personalidade encantadora, alegre, afável e inteligente, de espírito arguto enriquecido por uma fina ironia que intencionalmente cultivava. As oportunidades de convívio multiplicaram-se e a vida proporcionou-nos a construção de uma profunda amizade, densa e cúmplice, sem hiatos nem excepções, que não ousarei descrever. Recordo apenas, com muita saudade, escassos momentos: algumas tertúlias, ao serão, em casa de meus pais – em que participaram o Francisco e o também grande amigo Pe. Januário (hoje D. Januário Torgal Ferreira, Bispo das Forças Armadas, e que era dos poucos que tratava o Francisco por Chico); as férias agendadas para o Algarve e os quilómetros que, lado a lado, nadámos no mar de veludo da praia Maria Luísa; as conversas pós-jantar em sua casa (para meu desgosto curtas, porque o Francisco deitava-se sempre cedo); as tantas alegrias e desgostos partilhados antes e sobretudo após a Revolução de 1974, com a fundação do Partido, a sua expansão e as múltiplas crises decorrentes do seu crescimento e maturidade; a angústia vigilante e o sofrimento quando, por duas vezes, estive às portas da morte; os dias que vivi em S. Bento, acompanhando-o e procurando ajudar (no I Governo provisório, Palma Carlos manteve-se na sua residência particular e cedeu a residência oficial ao Vice Primeiro Ministro); os livros que intencionalmente me emprestou, com realce para o “Personalismo Humanista” de Emmanuel Mounier; os inúmeros episódios da vida política que se seguiu ao 25 de Abril e tantas, tantas outras memórias que tenho como herança e que aqui não

JOÃO LUÍS SILVA CARVALHO



cabem, mas que invoco, porque são elas que o mantêm vivo. Todos os dias!

Neste momento escrevo apenas sobre o Amigo, querido amigo, leal, fraterno, solidário, dedicado. A quem devo muito, muito, do que hoje sou. Que me impôs que anulasse a diferença de idades, obrigando-me inicialmente a um tratamento por você e depois por tu, para me privilegiar com um relacionamento próximo (do qual fui o único beneficiário) e proporcionar múltiplos ensinamentos, decisivos na construção da minha identidade. Os mais importantes recebi-os do seu exemplo!

Invoquei a proximidade com Francisco Sá Carneiro, porque a sua dimensão, a sua história e a directa ligação que estabeleceu com milhões de Portugueses (ainda que o não conhecessem) o colocaram em lugar de destaque perene no coração e nos mais profundos afectos do povo. E para que se entenda esta saudade eivada de raiva que continuamos a sentir!

Evoquei a amizade porque, para o Francisco, a amizade era fundamental. Amizade enquanto partilha solidária de alegrias e desgostos, compromisso de lealdade e confiança, empatia de gostos e afectos, âmago daquela cumplicidade inexplicável e natural, que por vezes se denuncia em enigmático sorriso no fugaz momento do entrecruzar de olhares.

Apenas pela total confiança que a genuína amizade implica, se pode justificar que, logo nos primórdios da vida do partido (Junho de 1974) me tenha nomeado Secretário da Região Norte do PPD\*.

Francisco Sá Carneiro era um Homem de carácter, de honra e de princípios. Senhor de invulgar coragem,

moral e física, era de uma honestidade intelectual exemplar, espelhada numa memória com verdade e em raciocínios limpos, que se traduzia por um comportamento de rigorosa fidelidade aos princípios. Era um homem de valores e de convicções, com profundos sentidos ético e estético da vida. Que viveu de forma apaixonada, em permanente e generosa dádiva de entrega total às causas em que acreditava, livre e disponível, inteiro e vertical (Miguel Veiga), com rigorosa coerência entre o que pensava, o que era, e o que fazia.

A sua estética era a de uma conduta limpa, límpida e linear, consequência da firmeza das convicções, porque acreditava que a honra e a dignidade das pessoas eram mais importantes do que o sucesso em si mesmo. O destemor e o gosto por riscos e desafios, que abraçou com gozo e com paixão, escoravam-se numa inteligência impar, impregnada de profundo respeito por aqueles que não partilhavam a mesma forma de pensar. A sua esmerada educação e fino trato, as atitudes claras, e esse mistério do carisma, associados à capacidade de valorizar os que o rodeavam criando-lhes a motivação que os fazia sentir estarem, de facto, a participar no progresso das causas e das instituições, faziam dele um príncipe e um líder.

A sua ética, era uma ética de valores e de comportamentos. Escreveu em 1969 (!): "A pessoa Humana define-se pela Liberdade. Ser Homem é ser livre. Coarctar a liberdade é despersonalizar; suprimi-la desumanizar. A liberdade de pensar é a liberdade de ser, pois implica a liberdade de exprimir o pensamento e de o realizar na acção". E mais tarde: "a pessoa humana é a nossa medida, nossa regra absoluta, nosso início, nossa meta".

Estes admiráveis trechos, que desde logo revelam a

formação doutrinária gerada no Personalismo Humanista, expressam os valores éticos fundamentais perfilhados por Francisco Sá Carneiro: a Dignidade da pessoa Humana, a Liberdade e a Autonomia.

A Dignidade do ser, como realidade profunda, inerente e intrínseca à condição humana, que confere um estatuto de que automaticamente decorrem Direitos (do Homem), que exige igualdade perante a lei e a justiça e que implica respeito igual para todos.

A Liberdade que, sendo inseparável, consubstancia a dignidade e por isso define, personaliza e humaniza.

A Autonomia, condição primeira e última da Liberdade, como possibilidade de a pessoa decidir e governar os seus actos e destino – “a liberdade de exprimir o pensamento e de o realizar na acção”.

No seu todo, estes valores éticos consagravam, aos olhos de Sá Carneiro, a diversidade como uma das principais riquezas da nossa existência.

Mais tarde, juntar-lhes-ia os da equidade e da solidariedade, traduzidos por exemplo pela defesa da igualdade de oportunidades para todos e pela eficaz intervenção do seu curto Governo na correcção de desequilíbrios sociais.

Nestes valores éticos, fundamentou Sá Carneiro o seu pensamento e programa político. Dizia: “a política sem ética é uma vergonha”. Porque, para ele, a acção política decorria somente do pensamento, e este, dos valores éticos. E recusava, liminarmente, a “invenção” de valores e lógicas de raciocínio, cujo objectivo fosse encontrar legitimação moral para acções de conveniência.

Aos valores, juntava uma ética de comportamen-

to irrepreensível. Desde logo por uma nobre noção de responsabilidade e dever, a que acrescia um elevadíssimo grau de exigência consigo próprio. Dizia-me: “Para sermos credíveis, temos de ser consequentes”. E assim, sempre que defendia uma ideia ou um projecto que considerasse importantes, sentia-se na obrigação de lhe dar corpo: defendia a Liberdade – apresentou projectos lei sobre “Liberdade de Associação”, “Liberdade de Reunião” e “Liberdade de Imprensa”; acreditava no regime democrático – apresentou dois projectos de Revisão Constitucional (1971 e 1979); advogava a separação entre a Igreja e o Estado – propôs a revisão da Concordata e alterações ao Código Civil; defendia os Direitos do Homem – apresentou um projecto de lei sobre “Amnistia de crimes políticos e faltas disciplinares”; pensava que a organização do Partido se devia alterar – elaborou um novo projecto de Estatutos, etc. etc. etc.. Sempre a total coerência e uma ética de comportamento irrepreensível, com uma noção de responsabilidade e dever inigualável, que o obrigou algumas vezes a renunciar a funções (com desgosto) – quando entendia que as circunstâncias, ou os instrumentos de que dispunha, lhe não permitiam exercê-las com eficácia e dignidade.

Disciplinado, metódico e estudioso (porque preferia o conhecimento ao caos da informação) Francisco Sá Carneiro vivia apaixonado, com alegria e com pressa. Detestava perder tempo e sentia que este lhe fugia. Adorava que aderissem às suas ideias e aos seus projectos. Detestava que o venerassem ou idolatrassem. Tinha horror às “ditaduras de personalidade”... Não tinha paciência para os palavrosos, lamechas, ou mediócras. No entanto, promovia a troca de opiniões, solicitava parecer para testar as suas próprias ideias, valorizava as outras visões e as outras pessoas. Era justo e tinha por todos um imenso respeito. Sabia promover entendimentos profícuos, mas

nunca, nunca, se deixava condicionar.

Como ironizaria com este palratório estéril, hoje hipocritamente promovido a virtude pública, a que chamam diálogo. Como desdenharia, dessa dádiva que os senhores do poder, do alto da sua arrogância, generosamente nos concedem e que designam por tolerância. Para, sempre em nome do sistema de tolerância, nos desprezarem e, praticarem a intolerância como sistema. Para o Francisco Sá Carneiro, respeitar e valorizar os outros e as suas opiniões era condição *sine qua non* da sua própria existência, independentemente das decisões solitárias que frequentemente tomou, consciente do peso de depósito do partido e da Pátria. Sozinho, tinha a força das multidões!

À mão fechada, avara e agressiva, contrapôs a sua mão aberta, solidária e fecunda. À acomodação e ao conformismo, aos oportunismos e jogos de bastidores, ao afivelar da fisionomia conforme a temperatura, contrapôs a sua transparência frontal, a razão das suas convicções, o destemor de projectos arrojados e de opções claras integralmente assumidas. Vi-o alegre e vi-o triste. Mas nunca o vi vacilar ou tremer! E por isso, " ... o povo dele fez seu mandatário, intérprete e militante espontâneo" (D. Januário Torgal Ferreira).

Possuidor de um pensamento claro, de um carácter de granito (ainda Miguel Veiga) e de um enorme sentido de responsabilidade, Francisco Sá Carneiro não evitava os escolhos, os problemas ou as situações difíceis. Tinha muita coragem e uma necessidade intrínseca de perceber e clarificar. Era, por isso, um Homem de opções. Na política e na vida. Detestava o "cinzentismo" e a neutralidade. A propósito desta faceta do Francisco, disse ainda D. Januário Torgal Ferreira: "É que a pretensa neutralidade é

sempre o lavar as mãos com o sangue das suas repetidas vítimas ...."

Pelo seu pensamento e pela sua acção, antes e após o 25 de Abril, o Político Francisco Sá Carneiro foi, aos olhos de milhões de Portugueses, o mais importante fundador do Regime Democrático. Tinha valores e bateu-se por eles. Viu-os quase totalmente consagrados na letra e na forma.

Criou um partido que se iniciou nas freguesias, nos concelhos, nos distritos e se estendeu a todo o Portugal. Não o fez a partir de "figuras importantes" e com as benesses da comunicação social. Começou a partir do nada e com o povo. Povo de onde partiu e ao qual voltou. E por isso o PSD é, nos seus valores e práticas, um partido genuinamente Português que nunca capitulou.

Exerceu o poder com espírito de serviço e tinha por missão a causa pública. Usou esse poder fiel aos seus princípios e soube dar corpo e voz aos anseios nacionais. Apenas pôde iniciar a sua obra mas, em curtíssimo tempo, fez o suficiente para que o país percebesse que o Estado, que ele concebia como de reduzidas dimensões e com a principal função de combate à pobreza e correcção das injustiças sociais, era liderado por um Homem de Bem com excepcionais qualidades de Estadista. Portugal começava a mudar! E só não mudou, porque foi assassinado na noite fria de 4 de Dezembro de 1980, quando, mais uma vez, se dava em entrega total e de alto risco à causa da Nação.

Quería transformar o país e mudar as gentes do poder. Quería um Portugal democrático, moderno, próspero e justo, liderado por gente aberta, séria, competente e dinâmica. Portugal não mudou e os personagens do po-

der também não. Veja-se a vergonhosa e miserável investigação realizada sobre as circunstâncias da sua morte, a coberto da, no mínimo, negligência cúmplice das autoridades do país. Temiam o Francisco Sá Carneiro! Mesmo depois de morto!

O país não mudou, assassinaram o Primeiro Ministro e Portugal perdeu um Homem Enorme e o seu Maior Estadista de todos os tempos. Roubaram-nos o futuro!

Mas Francisco Sá Carneiro não morreu! Porque escreveu o seu nome a letras de ouro na História e, nesta saudade eivada de raiva, permanece vivo nos nossos corações e na nossa memória. Sob os escombros calcinados da sua vida jaz também um pedaço de cada um de nós. Há muito tinha deixado de se pertencer apenas a si e aos seus. Já não era apenas Francisco Manuel Lumbrales de Sá Carneiro. Era, como alguém disse, Francisco de Portugal.

Porto, 21 de Novembro de 2005



Entrega de terras  
Abril 1980

No 25.º aniversário do falecimento de Francisco Sá Carneiro recordo, com saudade e respeito, o líder político, que o País teve a infelicidade de perder prematuramente, e o Amigo, a cujo exemplo muito fiquei a dever na minha curta actividade política.

Ao resistir às derivações comunistas e ao socialismo estatizante que tantos quiseram para Portugal, nos anos seguintes à Revolução; ao promover, em 1979, a formação da Aliança Democrática; ao liderar o VI Governo Constitucional, iniciado com a vitória nas eleições intercalares de 1979 e confirmado pela esmagadora maioria absoluta obtida nas eleições legislativas de Outubro de 1980, Francisco Sá Carneiro criou as condições iniciais para que Portugal viesse a libertar-se, primeiro, da tutela político-militar do MFA e do seu Conselho da Revolução, e, mais tarde, da carga marxista e do socialismo estatizante que dominavam, desde 1976, a Constituição da República.

Foram precisos muitos anos, vencendo múltiplas e sucessivas resistências do Partido Socialista, para que aqueles objectivos fundamentais de Francisco Sá Carneiro começassem a ser alcançados. Primeiro, com a revisão constitucional de 1982, que libertou o regime democrático da tutela militar do MFA e que muito ficou a dever à perseverança de Francisco Pinto Balsemão; depois, graças à acção de Cavaco Silva e das suas sucessivas vitórias eleitorais, com a libertação da carga marxista e com a exterminação de alguns nós cegos a que o socialismo estatizante amarrara o regime económico e social português.

Para que todos esses frutos viessem a ser colhidos, Francisco Sá Carneiro, soube galvanizar todos os que com ele trabalhavam e a própria maioria da opinião pública, para um projecto reformista de combate ao excessivo peso do Estado na Sociedade Portuguesa, orientado para o fortalecimento da sociedade civil e para a liberdade de iniciativa, social e económica.

Na liderança do 1.º Governo da Aliança Democrática, Francisco Sá Carneiro corporizou tal projecto e criou condições para que Portugal e as suas instituições políticas pudessem evoluir para um regime democrático fundado nos princípios do Estado de Direito e para um sistema institucional em que ao Estado caibam as funções de soberania e a efectiva protecção dos mais desfavorecidos, afastando-se da excessiva intervenção na sociedade e na economia a que as nacionalizações e o socialismo estatizante queriam votar o nosso País.

O único projecto que era e é capaz de assegurar o desenvolvimento económico, com justiça social, de que Portugal precisa.

Foi esse o grande legado de Francisco Sá Carneiro, subsequentemente prosseguido dentro do condicionalismo das sucessivas conjunturas internas e internacionais, em todos os momentos em que o mesmo projecto reformista pôde ser continuado.

É pena que ao fim de trinta anos, ainda haja quem, em Portugal, continue a preferir o regresso a políticas estatizantes, cujas consequências ainda hoje são a causa directa do atraso económico e social em que nos encontramos, face à Europa.



### **DEPOIMENTO SOBRE FRANCISCO SÁ CARNEIRO, NA PASSAGEM DOS 25 ANOS APÓS A SUA MORTE**

Privei intimamente com Francisco Sá Carneiro – o Chico! – durante 20 anos, desde 1957 até ele passar a residir em Lisboa, e a sua absorção pelas responsabilidades políticas – primeiro no PPD/PSD e depois também como Primeiro Ministro – ser incompatível com o convívio de alguém que raramente ia à Capital.

Para os que consideram que a Fé é alienante, por desviar os olhos deste mundo para os fixar num outro que nunca ninguém conheceu, o exemplo de Francisco Sá Carneiro é mais um a demonstrar eloquentemente que tal não é verdade.

De facto, foi a Fé no Deus revelado por Jesus Cristo, Deus Pai de todos os homens – todos os homens de linhagem divina, de sangue azulíssimo! – e tomando como referência Emmanuel Mounier (que pela mesma razão foi um pensador militante) que levou o Francisco, ainda em pleno consulado salazarista, a empenhar-se na luta contra a ditadura. Mas foi no período marcelista que a sua actuação, agora a nível político, o fez figura públi-

ca, merecedor da admiração e da esperança de quantos ansiavam pela liberdade. A sua actuação como deputado na Assembleia Nacional foi de uma clarividência, frontalidade, empenhamento e persistência exemplares, e a renúncia a que a defesa da sua dignidade o obrigou teve larga repercussão não só no País mas também além-fronteiras.

Não tenho dúvidas de que o inêxito imediato dos seus esforços teve influência na génese do 25 de Abril, ao demonstrar que a via reformista de evolução do regime era inviável como estratégia para a implantação da democracia.

Os 25 anos após Camarate evocam também o desastre que matou, entre outros, o Primeiro Ministro e o Ministro da Defesa de Portugal. O não se ter ainda chegado à conclusão sobre se a sua causa foi ou não criminosa é um dos exemplos mais gritantes da inoperância da nossa "justiça". A chaga permanece: aberta, exposta, expectante.

**JOAQUIM PINTO MACHADO**



Sintra  
Maio 1976

Não é tarefa fácil falar de um Homem tão grande como foi o meu grande amigo Francisco Sá Carneiro.

O Francisco era um homem superior, de uma honestidade exemplar, de um carácter impar de uma só palavra. Fui efectivamente um amigo de verdade do Francisco pois com ele aprendi muito sobre como se faz Política séria num País como Portugal, tratava a política com um esmero fantástico.

O Francisco era um político que hoje não existe nenhum em Portugal, transparente, inteligente, astuto e sobretudo honesto e de uma educação sem igual um verdadeiro social democrata.

Fiz várias campanhas eleitorais com ele por todo o Norte do País num 2 cavalos memorável, subimos e descemos escadas em Amarante, dado fugirmos à fúria da F.E.C, passámos por cima de milhares de pregos que nos deitavam na estrada para não chegarmos aos sítios onde tínhamos comícios marcados. Na Póvoa do Varzim um militante no meio do seu entusiasmo do P.P.D. arancou a porta do 2 cavalos, isto era a alegria do nosso partido que realmente naquela altura era único, os comícios no Porto, em Braga, em Famalicão, Vila Real, Guimarães eram manifestações de uma intensidade tal que só o Francisco era capaz de passar com a sua palavra da verdade, da seriedade.

Com os anos passados, que já são 25 muitas vezes paro em alguns sítios onde estive junto ao Francisco na luta pela liberdade de Portugal e fico a pensar com uma pena infinita do Homem que o Francisco era e sinto um vazio dentro de mim enorme, restando-me unicamente o consolo de todas as noite rezar por ele.



## HOMENAGEM A FRANCISCO SÁ CARNEIRO

Já tive ocasião, quer como Primeiro Ministro quer como militante do PSD, de prestar tributo à memória de Francisco Sá Carneiro. Neste depoimento, 25 anos após a sua morte, faço-o de novo mas agora como Presidente da Comissão Europeia, sublinhando precisamente que Francisco Sá Carneiro foi um grande português e um grande europeu. Todos o recordamos como um estadista de visão que defendeu com vigor a participação de Portugal no processo de construção europeia. Sá Carneiro tinha para o seu País um projecto de modernidade política, económica e cultural e sempre associou essa ambição ao destino europeu de Portugal.

Animava-o um dinâmico sentimento de inconformismo que o levou a defender uma visão reformista da sociedade. Nos tempos da "Ala liberal", durante a Revolução – quando fundou o PPD/PSD – ou como Primeiro Ministro, Sá Carneiro bateu-se pelo reconhecimento da vocação europeia de Portugal e ligou sempre esta dimensão à necessidade estratégica de modernização do nosso País. A razão e a intuição indicavam-lhe que essa era a via a seguir. É o próprio Sá Carneiro que o diz numa intervenção na Assembleia da República em 1977: "Que saibamos todos, aqueles que são favoráveis à integração europeia, unir-nos neste esforço, (...) para que seja um sucesso o esforço de Portugal e da própria Europa, encontrados consigo próprios dentro de fronteiras limitadas apenas pela liberdade e pela democracia e com o progresso e a justiça social como mola de desenvolvimento interior. É este o nosso voto".

A comparação que Sá Carneiro estabeleceu entre a adesão de Portugal às Comunidades Europeias e a heróica gesta dos Descobrimentos provocou, na altura, algum incómodo em certos meios políticos. Esta comparação é, no entanto, totalmente compreensível se tivermos em conta que Sá Carneiro tinha consciência que a aposta estratégica de Portugal era fundamental para recolocar o País no contexto do mundo mais avançado.

Francisco Sá Carneiro via na Europa não apenas uma solução para os problemas nacionais imediatos mas um projecto baseado em valores permanentes que vão muito para além da conjuntura política e de meras orientações ideológicas. Dizia ele na mesma ocasião: "Fazemo-lo também com a consciência de que este é o caminho certo para a consolidação da democracia portuguesa e para a participação de Portugal, na continuação da sua missão histórica, no trabalho de união dos povos da Europa e dos povos dos países democráticos; de que este é o caminho de recuperação económica, da obtenção de igualdade de condições, designadamente para os nossos trabalhadores imigrados, e de uma prosperidade que seja encarada, não como fonte de riqueza, mas como meio de desenvolvimento da pessoa. Trata-se de um projecto nacional e não de uma posição partidária. Trata-se de uma opção histórica, não de recurso a meio circunstancial para salvação económica".

Num momento em que na Europa se fazem ouvir vozes populistas à direita e à esquerda – vozes que se apoiam em ansiedades compreensíveis mas que muitas vezes manipulam sentimentos primários –, é importante lembrar a tranquila, mas firme, convicção de Sá Carneiro

**JOSÉ MANUEL DURÃO BARROSO**

Presidente da Comissão Europeia



no processo de construção europeia. É necessário combater os demagogos que, dizendo-se de esquerda, mobilizam a opinião pública contra o mercado e a integração económica, assim como aqueles que, dizendo-se de direita, tentam em nome do nacionalismo pôr em causa a integração política as instituições europeias.

É necessário falar verdade. É necessário lembrar os contributos que o projecto europeu deu para o desenvolvimento de Portugal e – ainda mais importante – para a consolidação dos valores que defendemos e que constituem a base da nossa civilização. O próprio Sá Carneiro nos recorda "o predomínio da concepção política da Comunidade [Europeia] sobre a concepção económica" quando salienta a necessidade de aquela Comunidade não se restringir aos países mais desenvolvidos da Europa. Não é exagero ver nas suas palavras, que passo a citar, a adesão aos valores de uma Europa alargada que Sá Carneiro não chegaria, infelizmente a conhecer dado o seu trágico e prematuro desaparecimento: "Entendido como Comunidade económica restrita aos países desenvolvidos o Mercado Comum cedo se tornaria fonte de desigualdades e de divisões profundamente nocivas para a causa da democracia e do progresso dos povos europeus".

Podemos, e devemos, mostrar as nossas convicções europeias. Assumir as nossas responsabilidades e combater com determinação todas as formas de populismo fácil que hoje em dia alimentam a política do ressentimento.

É muito importante que os responsáveis políticos de hoje, independentemente da sua filiação partidária ou ideológica, sigam o exemplo de visão estratégica de Francisco Sá Carneiro e tenham a coragem de afirmar a primazia dos valores europeus.



ivonrique 1970

### **FÉ, INTELIGÊNCIA E ESPÍRITO**

A estatura do Homem que foi Francisco Sá Carneiro resulta do equilíbrio de qualidades tão relevantes que evoca-la é reconforto para o cepticismo português, mas é, também, um incentivo inestimável. O testemunho do artista que sou, apenas evidencia o lado espiritual e humanista que fazia do Dr. Francisco Sá Carneiro o exemplo do "Homem Completo" no conceito de Adolph Portman. Tive o privilégio de o receber no meu atelier em encontros "a sós", em que o entendimento sempre primava pela necessidade de promover a elevação do Homem.

No decurso da sua breve vida política essa ideia subsistiu de tal modo que se tornou instante, passados que foram 25 anos, julgo como indeclinável, o dever de me associar a tão oportuna evocação.

JÚLIO RESENDE





Regresso  
de Espanha  
1977

Conheci Francisco Sá Carneiro em Outubro de 1972. Nessa altura, ele era deputado da Ala Liberal, onde se tornara o número um pela forma corajosa como pretendia realizar a liberalização do regime.

As coisas corriam desfavoravelmente na Assembleia Nacional, impenetrável a qualquer mudança.

Por isso, no princípio de 1973 renunciou ao mandato de deputado, com a mesma frontalidade e coerência que sempre foram seu timbre.

Encontrei-o, pois, no primeiro Congresso dos Advogados Portugueses, que reuniu nesse Outubro de 1972. Na secção de Direito e Processo Penal ele estava na Mesa como coordenador.

As suas intervenções foram sempre marcadas por um grande rigor, aliado à revelação de prontos conhecimentos jurídicos.

Exprimia-se com uma elegância de frase que tornavam muito claras as suas intervenções.

Eu trouxe do Congresso, uma singular impressão daquele perfil de Homem e de Advogado.

A seguir ao 25 de Abril, no início de Maio de 1974, com Francisco Balsemão e Magalhães Mota, anunciavam a criação de um partido, de orientação social-democrata: foi o Partido Popular Democrático – outra designação foi impossibilitada porque já se constituía o Partido Social-Democrata Cristão; era um partido sem futuro que veio

a extinguir-se, abrindo a possibilidade legal de o Partido Popular Democrático passar a chamar-se oficialmente Partido Social-Democrata.

Por concordância com os princípios fundamentais do PPD, e pela confiança que inspirava o seu fundador, não hesitei: filiei-me nele logo nesse Maio.

Os mil episódios que marcaram a vida do PSD, desde 1974 a 1979, constituíram um conjunto de acontecimentos que Francisco Sá Carneiro teve, internamente, de enfrentar. Mas dessa sua acção, distingo agora um momento, que considero talvez o mais impressionante da sua personalidade; é a ele que aqui me vou referir.

Em Março de 1975, uma doença grave e longa, que durou meses, obriga-o a suspender a sua actividade política. É operado em Lisboa e seguidamente em Londres. Depois, vive no Sul de Espanha a sua convalescença.

Perante a certeza de uma ausência temporária mas demorada, o Francisco Sá Carneiro escreve ao Presidente do Conselho Nacional e do Congresso, o inolvidável Dr. Nuno Rodrigues dos Santos e pede-lhe que convoque o Conselho Nacional para se eleger um Secretário-Geral interino. O Conselho reúne, e com certa surpresa, é eleito Secretário-Geral interino o Professor Emídio Guerreiro.

Em Setembro seguinte, o Francisco Sá Carneiro está completamente recuperado; e de novo escreve ao Presidente do Conselho Nacional, a solicitar a sua convocação, agora para se pronunciar sobre o seu regresso às suas funções. A reunião desse órgão dá-se em fins de

Setembro, nos arredores do Porto, na Estalagem da Via-Norte.

A primeira situação já foi desde logo embaraçosa: durante toda a tarde do primeiro dia do Conselho, o Professor Guerreiro conservou-se em total silêncio, quando pelas mais elementares razões, devia ser o primeiro a reconhecer o fim da sua interinidade.

Só na tarde do dia seguinte a questão foi posta. Foi então que ao longo de toda aquela tarde e daquele serão, se ouviram as mais graves acusações contra o Francisco Sá Carneiro: que tivera contactos com o ELP; que igualmente contactara a extrema-direita espanhola; que igualmente contactara o MDLP e outras entidades espanholas; investigações sobre a sua intransigência em relação aos militares de esquerda; e para além de tudo isto, chega-se ao impudor de referir a sua insanidade mental e que a sua doença fora simulada!

Francisco Sá Carneiro declarou que responderia a tudo por uma só vez e no final. Assistiu a tudo e ouviu tudo com uma serenidade espantosa, perante aquele infundo cortejo de injúrias, de atoardas, de insultos, de falsidades, manteve-se inalterável.

No fim de tudo ouvir, Sá Carneiro falou cerca de quatro horas; e com uma lucidez ímpar, demonstrou toda a série de falsidades que lhe foram lançadas em rosto.

Foi também impiedoso com quantos o mereceram; mas sempre com uma elegância moral que nunca, nem por um momento, saiu dos seus limites.

Foi o maior espectáculo de vigor mental e de superioridade moral a que me foi dado assistir.

No final, repetiu o pedido de votação por voto secreto sobre o seu regresso.

Ganhou a votação por uma maioria esmagadora: num total de cento e muitos votos, foram menos de quinze os votos contra.

Finalmente restituído e legitimado no poder do seu partido lembro-me ainda das suas seguintes palavras:

“Vivi com alegria a minha convalescença, com entusiasmo de voltar ao nosso Partido; mas só vim encontrar aleivosia e traição. Se fosse só por mim, não estaria aqui nem mais um minuto; mas porque se trata do PSD, que é muito mais importante, ficarei”.

E concluiu pedindo a todos os membros do Conselho sem distinção, designadamente aos que vinham de o acusar, que colaborassem lealmente para que o Partido realizasse plenamente os seus objectivos.

Creio que não consegui dar, a quem ler este texto, nem uma pálida ideia do que foi esse fim-de-semana; por mim digo-vos que vi no decorrer da minha já longa vida, inúmeras atitudes de grande dignidade humana, mas alguma vez vi outra que igualasse a que aqui descrevo.

Por isso me curvo com imenso respeito perante a memória de Francisco Sá Carneiro.



Sá carneiro  
com Magalhães Mota

Não creio que nenhum de nós possa, neste momento, deixar de juntar ao juízo político o juízo pessoal, despir-se de emoção, esquecer-se desta ou daquela outra lembrança própria.

Estamos demasiado longe e demasiado perto, os vivos em relação aos mortos que nos disseram alguma coisa.

Para aqueles que, como nós, sabem que a história faz e fará a história, não é, nem pode ser, indiferente cada momento. Sabemos que o passado nos marcou; sabemos que o passado que foi, o construímos juntos, porque amigos, juntos, ainda que adversários, juntos naquilo que em conjunto vivemos, juntos também naquilo que nos separou.

Sabemos ainda que tanto mais nos marcou o tempo passado quanto mais próximo e aproximadamente o vivemos.

Por tudo isto, penso que se me perdoará não seja este nem um discurso de reflexão política nem um juízo histórico; a ambos faltaria distância, serenidade, tempo (...).

Sr. Presidente, Srs. Deputados: de Francisco Sá Carneiro não poderei falar nem com facilidade, nem sem emoção. Não esqueço um passado relativamente próximo que nos juntou.

A vida política portuguesa transformou-se de tal modo que se tomou motivo de recolha de elogio fácil a revelação ou invenção de conhecimentos e factos conhecidos por motivo de uma relação de confiança.

Por mim, não farei tal, mesmo que, como seria o caso, fosse um testemunho de elogio.

De Francisco Sá Carneiro quero recordar, antes de mais, quem, de 1969 a 1973, se bateu, sem descanso e sem virar a cara, pela liberdade e pela democracia. Creio que ninguém de boa fé poderá negar a importância dessa luta desigual para a criação de condições que tomaram possível a vida democrática em Portugal. Luta pela liberdade e pela democracia que o após 25 de Abril de novo o viria a obrigar.

A sua combatividade, energia, capacidade de decisão, influência sobre os acontecimentos, são realidades demasiado próximas, mas, assim mesmos, suficientemente marcantes para justificarem o respeito que nos merecia e que a Sua memória merece.

Na coincidência trágica, há dois momentos políticos que iniciam e terminam o ciclo de uma década. Em 1970, na queda de um helicóptero, é José Pedro Pinto Leite quem desaparece. Em finais de 1980, Sá Carneiro. Direi que é bastante mais do que o ciclo de uma década.

Acrescentarei que, ao dizer que o tempo português é necessariamente diferente após a sua morte, é apenas uma forma de realçar a dimensão humana e política de Francisco Sá Carneiro.

Recordar as qualidades de homens que, como nós, foram deputados tem, necessariamente, conteúdo político.

Por mim, direi da importância que tem um respeito generalizado. Dizer-se que a morte faz cair barreiras é evidentemente pouco e pobre.

Preferia recordar a meditação sobre a morte do menino de um filme que há muitos anos vi: "É preciso que não nasçam pedras onde se semeiam homens".



Pavilhão dos Desportos  
Novembro de 1979

### FRANCISCO SÁ CARNEIRO: O MEU TESTEMUNHO

Francisco Sá Carneiro marcou de modo tão profundo a minha vida que a sua trágica morte me criou um profundo sentimento de orfandade.

E pergunto-me, às vezes, como pode um homem pouco mais velho do que eu ter tido sobre mim uma influência que se traduziu, no momento da sua perda, num sentimento desta natureza.

Nunca fui seguidora cega ou infantil de ninguém e discordei cara a cara de algumas das opções que ele tomou. Mas Sá Carneiro mobilizava-nos para caminhos que pareciam impossíveis naquele tempo; fazia-nos, por vezes, sentir vertigens no seu rumar contra a corrente do que ele próprio chamou o "integral-situacionismo" reinante. Vivendo a um ritmo vertiginoso, recusando qualquer conformismo, tendo razão antes do tempo, Sá Carneiro convocava uma visão de futuro que nos levava a ir com ele mesmo quando tudo à nossa volta eram ataques desmedidos à vontade que tínhamos de participar na construção de um Portugal livre, desenvolvido, justo e solidário.

As minhas primeiras imagens de Sá Carneiro no Partido são, talvez, triviais mas aproximam-no dos militantes identificando-o com cada um de nós: vejo-o em pé, em cima de uma cadeira, na sede do Partido no Porto, para contar os resultados de uma votação de braço no ar sobre uma matéria que acabava de ser discutida e que exigia uma decisão. Estávamos, ainda, em finais de 1974; tudo se discutia e éramos tantos em instalações

relativamente exíguas que frequentemente ficávamos de pé nas reuniões.

Sá Carneiro era um líder profundamente democrático. Aceitava com naturalidade a diferença de opiniões, o que ele não suportava era a traição. Como é sabido, perdeu várias votações dentro do Partido e não criou com isso nenhuma crise; as crises foram, sempre, provocadas pela falta de ética com que as notícias dessas perdas se tornavam públicas transformando-as em derrotas da liderança.

Sá Carneiro gostava do debate e não tinha pressa em acabar as reuniões entendendo que todos tinham o direito e mesmo o dever de participar. Lembro-me de um Congresso em que, já de madrugada, a mesa fez um apelo para que quem pudesse desistisse de intervir. Chamados um a um os inscritos iam desistindo mas quando chegou a minha vez eu não desisti. Ao passar por Sá Carneiro ele deu-me os parabéns por essa atitude.

Sá Carneiro respeitava profundamente a autonomia dos dirigentes sindicais face às estratégias partidárias. Esse respeito pela autonomia sindical ficou bem patente por ocasião da criação da UGT. Os dirigentes sindicais do Partido dividiram-se entre os apoiantes entusiastas da criação da Central e os que entendiam que ela ia nascer excessivamente colada aos partidos políticos (PS e PSD), o que lhe retirava a independência necessária ao exercício de um sindicalismo livre. Os dirigentes social democratas do Sindicato dos Professores da Zona Norte, de que eu era presidente à época, encontravam-se no pequeno grupo dos que discordavam da criação da UGT nesses moldes e, apesar das pressões que alguns tentaram exercer sobre nós, resistimos em nome de valores que considerávamos essenciais.

MANUELA TEIXEIRA

Tive ocasião de expor, pessoalmente, a Sá Carneiro o meu ponto de vista e pude, também, saber porque motivo ele pensava vir ao Porto ao Congresso constituinte da UGT. Pedi-lhe que tivesse um gesto que tornasse patente o seu igual respeito pelas diversas opções tomadas pelos sindicalistas do Partido. Sá Carneiro respondeu prontamente ao meu pedido: recebeu, na manhã do dia em que se encerrava o Congresso da Central onde ele estaria presente, uma delegação de militantes do PSD que integravam a direcção do Sindicato; no final da longa conversa que tivemos ofereceu-nos um dos seus livros, onde colocou esta dedicatória: "À Direcção do Sindicato dos Professores da Zona Norte com grande apreço pela sua actuação".

Esta dedicatória continua a ser para mim uma prova viva do modo como ele integrava as diferenças de perspectiva e de como assumia, por inteiro, o respeito pela autonomia sindical que o programa do PSD expressamente definia ao afirmar que a independência dos sindicatos "tem de ser defendida não só perante o Estado, mas ainda perante todos os interesses de partidos políticos".



Do Francisco Sá Carneiro estadista ou carismático líder político já todos escrevemos tantas vezes que é difícil haver faceta que não tenha suscitado o aliás mais do que merecido, relevo: a dimensão moral da vida, o carácter ímpoluto, a personalidade cortante, o culto da Pátria, o sentido de Estado, a formação cultural europeia, o desprendimento e a independência contra tudo e contra todos, a inteligência felina, o espírito jurídico, a visão estratégica aliada ao prazer do jogo tático, a volúpia do risco, o viver arrebatadamente à beira do abismo, a capacidade adolescente de recomeçar com a teimosia pertinaz da primeira hora.

E o tempo só tem feito avultar a sua visão para Portugal, a Europa e o Mundo.

Hã, porém, um traço do homem que nem sempre é devidamente realçado.

O amigo do seu amigo. Leal, fiel, livre mas solidário, frontal mas firme.

Pude testemunhar, vezes sem conta, essa qualidade própria dos vultos excepcionais.

Devo mesmo à sua amizade múltiplos gestos importantes na minha vida.

Jovem estudante universitário, devo-lhe o apoio à publicação de texto jurídico em revista da especialidade, de que seu pai era o principal responsável.

Colaborador novato na imprensa escrita, devo-lhe entusiástico alento, como colunista em "A Capital" e entrevistador

na revista moçambicana "Tempo".

Membro de núcleo dinamizador de grupo de jovens activistas cristãos, devo-lhe conselho e disponibilidade no arranque de iniciativas e no lançar de associações.

E o mesmo se passaria com escolhas primeiras na minha vida profissional ou pessoal: os primeiros empregos que tive, o aceitar ou não convites, na Função Pública e na vida privada.

Muitas das minhas escolhas na vida foram marcadas pela sua influência determinante.

Estou só a falar no final dos anos 60 e começo dos anos 70. Ainda Francisco Sá Carneiro não era o líder que haveria de ser. Mas, mesmo depois de o ser, continuaria igual a si próprio: amigo do seu amigo.

Sabendo ouvir, olhar de águia, muito sério e pensativo. Não recusando opinião, sincera e muito franca. Aqui e ali com um humor acidulado. Sempre voluntarista e determinado, apostando na determinação do interlocutor.

E com aquela pressa de viver, tão curiosa num homem criado na Fé no Além, que um dia me exprimi, numa frase simples, sugestivo retrato da sua maneira de ser.

Perguntava-lhe eu se deveria, ou não, apostar numa ruptura profissional.

Ele sorriu, matreiro, e disse, entre o divertido e o judicioso: "Marcelo, se não é agora que o faz, quando é que o vai fazer? Só temos uma vida..."

Cascais, Novembro de 2005

MARCELO REBELO DE SOUSA



Viseu  
Maio 1977

1. Sá Carneiro foi um homem de excepção sob todos os aspectos. Foi um aluno brilhante sem ser discípulo de quem quer que fosse.

Nascido em meio burguês, cedo soube tornar-se independente. Independente nas ideias políticas e na sua maneira de ser. Tinha um olhar crítico sobre a sociedade em que se inseria, original na forma de pensar e de se expressar. Dotado de uma cultura sólida, pensava e escrevia por si próprio sem necessidade de arrimos. Era um espírito livre com necessidade de vencer. E foi esta obsessão que o conduziu a uma morte trágica e brutal no auge da sua vida repleta de sucessos e de desventuras.

2. Em 1968 fez uma incursão na sua vida: dedicou-se à política de forma intensiva mas não profissionalizada. Ele tinha outros campos em que se podia realizar. Pretendia, quando foi eleito deputado nas listas da União Nacional mas como independente, contribuir, juntamente com outros (o que mais tarde viria a ser designado por "ala liberal") para "abrir" o regime ditatorial então vigente. Foi larga e impressiva a sua tarefa nos mais variados aspectos: amnistia para os presos políticos, liberdade de expressão e de associação, liberdade religiosa, revisão da Constituição de 1933 no sentido democrático pluripartidário. Todas estas tentativas – e outras – não resultaram, e, por isso, renunciou, com algum estrépito, ao mandato. A este propósito, recordo uma conferência na Ordem dos Advogados sobre direitos, liberdades e garantias individuais, onde anunciou esse propósito de renúncia com tristeza de alguns democratas presentes que viam no referido grupo ("ala liberal" não no sentido partidário, pois Sá Carneiro defendeu o ideário social-democrata) um apoio para der-

rubar o regime ditatorial. As tentativas desses democratas não resultaram e, após a referida conferência, tive oportunidade (isto, por volta de 1972) de ter uma longa conversa com Sá Carneiro. Nesse encontro, ele demonstrou-me o que eu já concordava: - era impossível derrubar o regime por meios pacíficos. Cada um de nós, voltou à sua profissão e seguimos politicamente caminhos semelhantes através da igreja católica portuguesa (as chamadas "teias" dos católicos progressistas): ele mais evidente e eu mais discreto.

3. Triunfada a revolução do 25 de Abril de 1974, sobretudo devido às injustas guerras coloniais que a ditadura teimosamente mantinha contra toda a opinião pública internacional e boa parte do sentir popular interno (não organicamente expresso), explodiu o alvorecer dos partidos políticos. Sá Carneiro liderou a formação do Partido Popular Democrático (assim designado por, entretanto, ter surgido um outro com a designação Partido Social Democrático Cristão) onde se defendeu, desde o início, o ideário social-democrata através das suas bases programáticas. Por volta de Outubro de 1974 é difundido o respectivo programa, documento ainda hoje notável e onde o "traço" social-democrata é claramente explicado.

4. Atento ao carisma indiscutível de Sá Carneiro, o Partido difundiu-se por todo o País. Foi atacado por parte do Movimento das Forças Armadas, pelo Partido Comunista e pela extrema-esquerda. O Partido Socialista tolerava-o aparentemente, mas o seu programa era dominado pelo colectivismo. É suficiente referir que o Partido Socialista era, então, ao lado do Partido Comunista contra a entrada de Portugal na Comunidade Europeia. E é impor-

salientar que o programa do PPD não só foi o primeiro a advogar essa entrada, como também repudiava o marxismo que servia apenas como instrumento de análise do devir social. Esta é a verdade insofismável, facilmente comprovável e é curioso como ainda hoje se ataca o então PPD do contrário. Defendia-se, sim, no referido programa a via social-democrata a exemplo do que acontecia nos países escandinavos, o que hoje é reclamado pela maior parte dos comentadores independentes.

5. Sá Carneiro dirigiu muito bem a implantação do Partido, conseguindo agregar a si os melhores "técnicos da política económica". Por todo o País, as melhores pessoas aderiam facilmente e numerosos democratas com passado na luta contra a ditadura também seguiram a mesma via. Sá Carneiro que exerceu as funções de Ministro Adjunto do Primeiro Ministro no 1º Governo Provisório teve a lucidez de deixar voluntariamente esta tarefa para se dedicar à citada implantação. Todavia, em Fevereiro de 1975 adoeceu gravemente, tendo sido tratado em Londres de onde regressou episodicamente e ainda muito debilitado para votar nas primeiras eleições democráticas (25 de Abril de 1975). Regressou a Inglaterra para prosseguir no seu tratamento, voltando definitivamente a Portugal, já refeito da sua doença, antes do 25 de Novembro.

6. Dado o estado do País (sua situação política, social, económica e cultural), Sá Carneiro desmistificou o enredo do chamado processo revolucionário em curso (Prec), causando, com a sua coragem, a estupefacção geral e a "indignação" da classe política. Portugal tinha-se deixado "abafar" por um revolucionarismo sem norte e encontrava-se numa crise económica profunda.

Ele soube liderar a mudança no Partido e na sua base social de apoio. Foi incompreendido por alguns companheiros e daí a primeira cisão no congresso de Aveiro (quase todos os dissidentes de então voltaram mais tarde ao Partido).

7. O Partido que conseguiu um segundo lugar honroso nas primeiras eleições (Constituinte), já para a primeira assembleia legislativa diminuiu um pouco para, mais tarde, ainda em 1976, recuperar nas eleições autárquicas. Estava-se, então, já na fase constitucional com um governo minoritário do Partido Socialista. Este primeiro governo constitucional não soube relançar o País na senda do progresso, tendo sido a breve prazo, derrubado por uma moção de desconfiança. Sá Carneiro, nesta altura, encontrava-se desiludido com a qualidade dos políticos e, por conseguinte, da democracia imperfeita, já que vivia tutelada por um Conselho da Revolução de origem militar e não eleito. Depois de várias vicissitudes, o líder deixou a liderança e no congresso do Vale Formoso, no Porto, consuma-se a ruptura. É eleita nova Comissão Política já sem Sá Carneiro.

8. É a partir daqui que os nossos contactos se intensificaram. Eu não compreendia o PSD sem Sá Carneiro em plena pujança político-partidária, mas este fôra peremptório no último congresso já mencionado.

Aconteceu, porém, uma reunião de militantes e com elementos da nova Comissão Política.

Nesse encontro, preparado sem a minha inter-

venção (fui apenas convidado), Sá Carneiro falou sobre a situação política portuguesa e, poucos dias depois a direcção demitiu-se no Conselho Nacional e constituiu-se outra com a incumbência de liderar até ao próximo congresso. Fui, então, designado presidente desse órgão adrede constituído.

9. Além de dirigir o Partido, fui também indicado para presidente do grupo parlamentar. Todavia, todas as semanas tinha encontros com Sá Carneiro, em casa dele, procurando persuadi-lo ao regresso. Depois de várias discussões consegui convencê-lo. Elaborámos uma proposta de reforma estatutária com a singularidade de uma direcção bicéfala: o presidente do Partido e o da Comissão Política com poderes rigorosamente delimitados.

10. Comecei, com a colaboração prestimosa de António Capucho, a preparar o Congresso: elaboração da "moção de estratégia", contactos para a composição dos órgãos estatutários, etc. Enfim, a "liturgia" do costume.

Convocado o congresso, apareceu outra moção dos nossos companheiros opositores. Venceu a proposta que havia apresentado. Foi eleito, por larga maioria, Sá Carneiro para Presidente do Partido e o autor deste "memorial" para presidente da Comissão Política. Pouco depois, o governo PS/CDS caiu por decisão unilateral deste último.

Estaria indicado que se procedesse a eleições "intercalares", mas não existia nem lei eleitoral nem recenseamento actualizados, pelo que se formaram sucessivamente três efémeros governos de iniciativa presidencial, até que, preenchidas aquelas lacunas, o Conselho da Revolução deu parecer favorável a eleições que tinha sido a grande batalha de Sá Carneiro desde o derrube do 3º

governo constitucional. Lançados os "dados", formou-se a Aliança Democrática que nos finais de 1979 venceu. Em 2 de Janeiro de 1980, Sá Carneiro tomou posse como Primeiro Ministro do VI Governo Constitucional. Com toda a justiça para um político de excepção. Vencedor da segunda eleição de 1980 com maioria mais folgada, depois de uma governação excepcional.

Veio a morrer em 4 de Dezembro de 1980 num brutal desastre. Honra à sua memória.



num Conselho Conselho Nacional em 1977

## FRANCISCO SÁ CARNEIRO

### UM APONTAMENTO DE MIGUEL CADILHE

NOVEMBRO 2005

Para lá de coisas muito mais substantivas, a nível das ideias, que sempre me aproximaram mentalmente de Francisco Sá Carneiro, encontro momentos de significado puramente pessoal e outros de geral interesse e observação, de alguns deles deixo aqui breve registo.

Uns dez anos nos separavam nas idades, mas apenas nos conhecemos após o 25 de Abril, em conferência promovida pelo PSD, no Porto. Fui um dos conferencistas convidados. O tema era a Europa e a hipotética adesão de Portugal à CEE. Ele estava lá, atentíssimo, como era seu timbre, e não somente por dever de anfitrião. Vigorava o Acordo Comercial CEE-Portugal de 1973, sobre o qual havia o BPA publicado livro explicativo que era um primeiro trabalho meu e me havia permitido conhecer relativamente bem as matérias mais económicas do assunto. Voei delas para considerações mais gerais e políticas. Defendi que a adesão à Europa era, para o País, naqueles tempos, historicamente decisiva. Parafraseando um pouco a questão de Régio, Portugal, com a Europa, poderia não saber bem o que queria ser, mas definitivamente saberia o que não queria ser. Hoje, 2005, isto nem é questão que as pessoas relevem ou sequer compreendam.

Acho que Francisco Sá Carneiro gostou visivelmente das minhas palavras. No fim da sessão, disse-me qualquer coisa nesse sentido e, do mesmo passo, cuidava em mostrar debaixo do braço o último número do boletim Conjuntura, produzido pela mesma minha equipa do

BPA Porto. O boletim dizia algumas coisas nuas e cruas, relatava a difícil situação da economia portuguesa, chegou a ser distribuído em Assembleia do MFA, colégio de surpreendentes e difusos poderes em época de perturbações, incertezas e iminentes perdas-de-pé. Uma edição número não sei quantos do boletim foi mandada retirar, soube porquê, nunca soube por ordem de quem. À porta da sede do Banco, Praça Dom João I, onde trabalhávamos, vi zelosos vigilantes da revolução a recolher todos os exemplares.

Para Francisco Sá Carneiro, talvez o boletim fosse, antes de mais, um veículo da verdade e da frontalidade – qualidades que ele tanto prezava. Talvez ele quisesse, uma vez mais, dizê-lo daquela maneira, Conjuntura saltando aos olhos, mancha gráfica colorida a destoar no sovaco do fato escuro de trespasse, pois aqui está, para quem queira ver, a incómoda leitura do líder do PSD.

Se o conheci então, nem então aceitei entrar para o PSD. Para intervir, achava que não era preciso estar filiado em partido algum. Poderia, mesmo, ser mais útil a independência partidária formal, face às funções que exercia como responsável por um gabinete de macroeconomia aplicada.

Mais tarde, em 1985, quando aderi ao PSD, lembrei em carta a memória de Francisco Sá Carneiro e a profunda admiração que ele em mim despertou antes e depois do 25 de Abril.

De facto, há muito o admirava, desde os tempos da primavera marcelista e da ala liberal da Assembleia

# MIGUEL CADILHE

Nacional. Aí Sá Carneiro destacava-se pela coragem da surpresa, pela forma e pelo fundamento, pela pertinência, congruência, coerência, pela seriedade e inteligência, pela vontade de mudar, pelo sentido de rumo, pela palavra forte, timbrada, estruturada, pelo medo de nada. E pela estatura baixa e ossatura franzina, como que a desafiar a robustez de uma fisionomia angular, decidida, penetrante, impressionante, em rara e aparente contradição que lhe dava mistérios de que também se alimentam os espíritos carismáticos. Recordo-me, estava na tropa, nesses mesmos anos de 1969 a 1973, por isso este meu testemunho terá alguma utilidade. Lia intensamente tudo, as entrelinhas também, sobre Portugal. Em Lamego, no conselho administrativo das unidades dos Comandos e dos Rangers, onde se cruzavam elites militares, e depois na Serra do Pilar, Regimento de Artilharia Pesada, em Gaia. Vi como os oficiais do quadro e os milicianos seguiam, avidamente, os ecos dos discursos de Sá Carneiro. Os discursos mexiam com as consciências, disputavam conceitos e removiam preconceitos, faziam nova luz. Admito, sempre admiti, que as suas intervenções públicas tivessem sido uma das causas próximas do 25 de Abril, não que ele tenha imaginado essa configuração específica de movimento de capitães, muito menos tivesse desejado o descambamento que se lhe seguiu, mas porque os militares hajam acolhido públicas influências de Sá Carneiro, em confluência com outras motivações...

Depois, em 1980, participei no seu Governo como secretário de Estado do Planeamento. Tinha ele 45, 46 anos, tinha eu 35, 36, era eu do grupo dos reformadores. Fazia o suave frio de Lisboa naquela noite de 4 de Dezembro, veio a gélida, terrível, terrível notícia pelo rádio do carro. Vírei para São Bento, fui um dos primeiros a entrar na residência oficial, depois chegaram mais e mais, e as mágoas que vi e as lágrimas que presenciei, o desalento,

o desespero, a comoção, a dúvida do acidente para uns, a certeza do atentado para outros, tudo é registo que guardo comigo, outros poderão falar do momento com mais propriedade.



Na tomada de posse do General Ramalho Eanes como presidente.

## EM MEMÓRIA DE FRANCISCO SÁ CARNEIRO

Apesar da urgência contemporânea, é urgente e vital preservar a memória na vida política, que mais não seja como suporte e referência da nossa identidade colectiva e pessoal. Os povos e as pessoas que não têm ou perderam a memória estão condenados a morrer de frio. A cair na desastrosa condição de refugiados da história.

No bom uso da memória, aqui venho.

É a história, essa memória colectiva do passado no presente, é o tempo, esse grande escultor, que assinalam e sublimam aqueles que por obras valorosas se vão da lei da Morte libertando. Da morte, que é igual para todos no retorno do homem às suas águas mais silenciadas, nasce o diferente destino dos que mergulham no esquecimento e daqueles que vêm à tona e permanecem na memória da posteridade e, até, na saudade do futuro. A vida dos mortos só perdura na memória dos vivos pois os mortos só dos vivos se alimentam e dependem apenas das suas recordações.

A morte não é separável da vida por virtude e pela força da memória. Sobretudo quando a nossa relação com quem partiu foi intensa, densa e significativa pela nossa vida fora e dentro.

É com nostalgia – na haste mais alta da melancolia (E. Andrade), ao sol negro da melancolia (Nerval) – de uma memória partilhada com tantos portugueses que venho evocar e invocar a admirável e inesquecível personalidade de Francisco Sá Carneiro.

Vão fazer-se 25 anos em que uma morte, tão brutal como intempestiva, tão injusta como assassina, incendiou e transmudou a sua vida em destino. Francisco tinha 46 anos nessa hora sinistra de 4 de Dezembro de 1980. Mais negra, opaca e insondável do que ela só a investigação policial que da sua causa fez terra queimada, cinza, pó, nada.

Nem vale recordar, porque não explica nem consola, a antiga e clássica profecia de quem é amado pelos deuses, morre jovem.

Embora Francisco pressentisse, como ele próprio dizia, que havia de morrer cedo, razão por que, também, tão intensamente vivia, como sempre viveu. Ele, que nunca tremeu perante a facilidade sinistra de morrer, foi-se agigantando na dificuldade heróica de viver, fazendo da aventura humana da sua vida a exaltante demanda e a patriótica empresa de uma terra prometida e portuguesa mais livre, mais fraterna, mais solidária e socialmente mais justa. De um projecto progressista e progressivo de modernidade para Portugal numa cartografia política de democracia europeia e da sua união, de que ele foi impulsionador e autor. Para que já não fosse possível sentirmos como nosso aquele dizer tão causticamente lúcido de Ruy Bello: este país que o mar não quer, ou de Alexandre O'Neill: (Portugal) meu remorso, meu remorso de todos nós.

Francisco Sá Carneiro foi o senhor de um destino belo e justo, que inventou e rasgou o seu próprio caminho na construção de uma vida coerente e inteira, fecunda e verdadeira.

Foi um homem de carácter e de convicção, de honra, coragem e de paixão.

As suas convicções ideológicas tinham como matriz o humanismo personalista em que o primado do homem como primado da dignidade da pessoa humana e do direito de ser um homem eram, disse-o ele, a nossa medida, nossa regra absoluta, nosso início, nossa meta.

Sá Carneiro erigiu o homem como fim da acção política e os valores que o animam como fundamentos orientadores da organização social e económica, de um projecto reformista da sociedade e até da concepção estruturante do Estado em que a função essencial dos poderes públicos e sociais é a da regulação e de mediação. Para ele, os princípios deviam apelar para o nosso sentido ético e não deviam limitar-se a justificar os nossos juízos. Dizia ele: "a política sem ética é uma vergonha". Como cidadão, como líder partidário, como estadista, numa palavra, como político, Francisco Sá Carneiro foi sempre, na defesa dos valores da liberdade, da justiça e da cultura, uma pessoa constitucionalmente moral em que se conjugavam uma ética de convicção com uma ética de responsabilidade.

Defensor de uma sociedade aberta, plural e liberal, do método democrático como o único que permite o movimento incessante das reformas, Sá Carneiro entendia que esse movimento se articulava numa aliança entre a liberdade e a justiça e se caracterizava por uma síntese entre a afirmação da individualidade, a aceitação dos conflitos e o anseio solidário de uma maior equidade em que o Estado de cultura terá de ser um lugar cada vez mais mediador e dialogante entre as instituições e as pessoas e cada vez menos dirigista e exterior à sociedade política e civil e aos espaços públicos.

Social-democrata de gema, de cepa e de fibra, sem postigos nem disfarces de meias-tintas, Sá Carneiro sempre afirmou os velhos princípios da social-democracia à luz das questões do seu tempo, da sua circunstância e da ética da modernidade. Uma ética da liberdade, na tradição imensa de todo o liberalismo, contra os autoritarismos da direita e da esquerda. Uma ética do máximo de equidade possível e de justiça contra as desigualdades e iniquidades sociais, sem, porém, nunca pôr em causa os princípios da liberdade. Social-democrata e reformista, que não – como alguns pretendem fazer crer – do socialismo liberal nem do liberalismo social nem da democracia cristã, Sá Carneiro sempre foi, não podia deixar de sê-lo, embora tolerante e defensor do pluralismo, um intransigente adversário e opositor contra todos os dogmatismos, contra todos os transpersonalismos, contra todos os fundamentalismos, contra todos os totalitarismos, contra todos os conservadorismos retrógrados, enquistados e paralisantes.

E sempre cabe recordar que foi Sá Carneiro quem, no plano político e ideológico, melhor combateu a tentativa, que, aliás, existe desde a fundação do partido de reduzir o PSD a um partido de direita ou a um pilar de uma frente de direita. Num partido cheio de "sá carneiristas" de bater no peito, este é um aspecto da acção de Sá Carneiro tão clara e inequívoca como o seu combate ao "prec" como bem assinalou Pacheco Pereira.

E, assim, moldou ele a sua acção política como afirmação pragmática onde o movimento procura ser compreendido e onde a liberdade e solidariedade, a autonomia e a justiça se encontram.

Fê-lo ele, como político de pensamento e de acção, com a sabedoria da inteligência e com as interrogações

da cultura, com a razão crítica e imperativa da consciência, afeiçoada pelos sentidos, e, ainda, com uma lucidez hábil, astuta e sagaz.

Sá Carneiro agia como homem de pensamento e pensava como homem de acção. E quantas vezes, também, inspirado por aquela singular premonição com que previa e captava os eventos políticos para neles intervir por antecipação.

Fazia-o num modo muito seu, intransmissível, num estilo pessoal e irrepetível, em que, conforme à nossa boa e velha regra lusitana, há tempos de usar de coruja e tempos de voar como o falcão.

Impunha-se, dominante e sobranceiro na sua solidiez e firmeza, o seu carácter de granito. Surpreendiam, audazes no seu voo, os seus golpes de asa.

Sá Carneiro foi um homem de coragem que nunca se refugiou à sombra dos abrigos mas sempre andou de mãos dadas com os perigos.

Foi ele, também, inconformista, por vezes até impaciente e inquieto, nos desafios da democracia e nos riscos dos combates pela liberdade, desafios e riscos que foram também o seu exemplo e a que nunca chegou tarde, com que se apostava e jogava, inteiro e desassombrado, em paradas políticas de tudo ou nada.

E dava-se ele às causas da política e às coisas da vida democrática com gosto, com o prazer, com o gozo salutar e saudável da entrega livre e disponível e de fazê-las com a alegria, com paixão e até com um certo e apetecido ludismo.

Ora comunicativo, ora reservado, tantas vezes eufórico quantas vezes ensimesmado, aqui maleável e até amável, ali inflexível e até áspero, tolerante e intransigente, mão de ferro em luva de veludo, Sá Carneiro cultivava o diálogo e a discussão, provocava o confronto e a dialéctica a fim de, por entre interrogações e dúvidas, perplexidades e inquietações, se esclarecer criticamente e tomar reflectidamente a decisão.

Liderar, dirigir, governar não era, para ele, apenas atender, ouvir e falar com todos e, assim, a todos satisfazer. Governar é preparar, estudar, escolher a decisão, tomá-la e executá-la. É decidir, cortar, tranchar, ainda que com custos e sacrifícios, com incompreensões e impopularidades e até com inimizades. Um político com ideias justas nem sempre é um bom governante. A governação, tal como a literatura, não se faz apenas de boas intenções. A liderança não deve ser um acto de orgulho, de vaidade ou de narcisismo mas, sim, uma vontade política em acção, um acto de ambição ao serviço de um projecto político. Sá Carneiro procurava saber para prever e prever para decidir. E agia e decidia, com singular faro político, inventivo e rápido, directo e pragmático. Liderava e governava, convicto e convincente, credível e consistente, sensível às necessidades e aos factos sociais, à sua mobilidade e aos seus desenvolvimentos futuros. Com democrático e patriótico sentido de Estado.

Era um político modernamente clássico, com o que quero também significar e sublinhar um político de primeira classe.

Frequentava a solidão do poder quando este se confronta com um silêncio sem partilha nem companhia nem público, onde ele não tinha direito à mínima ovação ou aplauso, à mínima vaia ou assobio.



Senador da prosa e da oratória procurava convencer com autenticidade no que ele acreditava ser uma mensagem de verdade (ou não fosse a verdade para o orador o sentimento do verdadeiro). Nele o estilo era o homem.

Repugnavam-lhe tanto a baba dos demagogos quanto a verborreia dos populistas, uns e outros avessos à sua higiene mental, à sua formação cultural e intelectual, à sua ética e estética.

Popular e carismático, Sá Carneiro foi por muitos acompanhado e seguido, amado e, mesmo, idolatrado (ele que, com discreta dignidade, se afastava dos adulares e dos fanáticos) como também por muitos outros foi combatido, atacado e, até, agravado. Só que ele não era homem de se entornar ou entontecer e, muito menos, de quebrar ou de torcer. O deslumbramento com os seus entusiastas ou o abatimento dos seus detractores nunca foram a sua chávena de chá, *his cup of tea*.

Fundador originário de uma família política bem lusitana e criador original, contra os ventos e marés dessa época, de um partido para uma social-democracia à portuguesa, fez surgir e crescer, logo após o 25 de Abril, e por contraste e em oposição ao inculcado e pseudo-iluminado povo de esquerda, um verdadeiro e genuíno povo PPD, constituído pelos sectores mais mobilizadores da nossa sociedade, o qual, apesar do correr e dobrar destes 25 anos, prossegue na sua devotada militância e no seu fiel eleitorado como o núcleo forte e indestrutível do grande partido português das reformas, das mudanças, das insatisfações que o PSD continua a ser. Não obstante a vitalidade ou mesmo o vitalismo das suas fricções, disputas e ardências internas que foram, desde sempre, a sua bênção e a sua maldição.

As raízes têm ramos, podem dizê-lo, com legitimidade, os fundadores do PPD, ao evocarmos, com justa razão e, hoje ainda, com um coração sem rugas, a permanência tutelar e simbólica de Francisco Sá Carneiro, nosso amigo e companheiro político, fundador do nosso partido e da democracia portuguesa. Como escrevia o Virgílio Ferreira: "A ternura é o mais difícil e nós tantas vezes nos enternecemos. Como uma árvore, às vezes penso, o homem pode subir alto mas as raízes não sobem. Estão na terra, para sempre, junto da infância e dos mortos".

A sua ironia era outro espelho da sua natureza e de que ele usava como consciência da pluralidade e diversidade humanas, como conhecimento daquele espaço fascinante em que ninguém possui a verdade e em que cada um tem o direito de ser compreendido, como compreensão da contingência da vida e do homem como realidade dividida. Ele sabia que a ironia era também a recusa de um absoluto, da tentação totalitária da unidade a todo o custo, da imposição de um só caminho e de um só combate.

Francisco Sá Carneiro era um homem atraído pela cultura, sensível às criações do espírito, vulnerável ao sopro sagrado e ao fogo profano das artes no seu mistério oculto, seduzido pelas antiguidades e modernidades descobertas e a descobrir. Daí que ele trouxesse consigo para o estar e fazer da política uma dimensão estética e cultural, não mundana e, muito menos, puritana, de um sentido outro em que os sentidos penetra e se atravessam sobre a racionalidade fria e lógica das coisas, dos instrumentos e dos números.

Essa postura, que é estética e que é liberal, traduz-se também em democracia na aristocracia dos comportamentos de que Sá Carneiro também foi exemplo.

É esta, para mim, a memória viva e gratificante de Francisco Sá Carneiro. É esta, creio, a fidelidade que lhe devemos. Fidelidade ao homem e à sua lúcida esperança de sê-lo inteiramente; fidelidade à terra onde mergulha as raízes mais profundas; fidelidade à palavra que no homem é capaz da verdade última do sangue, que é também verdade da alma, nas palavras do Poeta (Eugénio de Andrade).

Memória que não é a de um homem mitificado na morte pois os mitos, contra os quais ele sempre se bateu, são uma interdição ao homem de se inventar. Mas, sim, de um líder, de um estadista, de um político que, embora situado na sua circunstância e sitiado no seu tempo, foi a cabeça de proa e o farol dos sociais-democratas e reformistas portugueses, de um homem que foi o melhor e o maior de entre nós, na acção e na aventura, na ambição, no desejo e na esperança de um projecto que sem cessar de novo tentaremos.

Uma frase de Miguel Ângelo parece-me admirável: "Deus deu uma irmã à lembrança e chamou-lhe esperança".

Vd. In memoriam de Francisco Sá Carneiro por Miguel Veiga (1991).



Durante uma entrevista à revista Time

Francisco Sá Carneiro morreu há vinte cinco anos. Como o tempo passa sem que a saudade deixe de aumentar.

Não vou hoje falar dele como Presidente de um Partido, como Primeiro Ministro de Portugal, nem sequer como vítima de um miserável atentado de um terrorismo político que ainda hoje impera em todo o mundo.

Vou falar dele antes de tudo isso.

O Estado democrático, que ele ajudou a fundar e tanto defendeu, não pôde ou não quis, até hoje, descobrir a verdade da tragédia de 4 de Dezembro de 1980. O Povo Português continua à espera de uma explicação, que legitimamente, merece. Não se satisfaz com as meias tintas mais que duvidosas que lhe têm sido oferecidas, politicamente matizadas conforme à cor de quem governe.

Com tristeza e com saudade, comemoramos a morte de Sá Carneiro, mas devemos lembrar também, com raiva, quantos até agora contribuíram para a não descoberta da verdade.

Não nos sofre a dúvida que são muitos.

Continuar o silêncio, não mostrar vontade de julgar, é aumentar a dívida à memória de Sá Carneiro.

Conhecemo-nos bem, convivemos muito e durante largos anos, fomos amigos, tratávamo-nos pelos nomes próprios.

Chegado ao Porto, depois da sua licenciatura, o Francisco trazia na sua bagagem o entusiasmo da sua juventude, a certeza da sua posição política contra a ditadura, o desejo de contribuir pessoalmente para um Portugal melhor.

Oriundo de uma família conservadora, adepta incondicional de Salazar e depois Caetano, o Francisco tinha, por isso, uma dificuldade acrescida na execução desse seu desejo. Queria fazer cair o regime, implantar uma democracia pluralista, fundar um Partido que pudesse acolher todos os portugueses que assim o quisessem.

Tudo isto muito antes da Revolução de Abril, mesmo bem antes da sua frustrada caminhada de deputado independente na Assembleia Nacional.

Sá Carneiro não foi, pois, um democrata nascido com a Revolução.

Humanista como poucos, tinha o "homem" como preocupação suprema. Dizia ele: - o homem é a nossa medida, a nossa regra absoluta, nosso início e nossa meta; sem ele, sem absoluto respeito por ele, não há, não pode haver democracia verdadeira.



a campanha  
da azeitona  
Dezembro 1979

Preocupado com solução dos problemas sociais dos portugueses, desde se cedo se inclinou para uma solução social-democrata, por ser a que melhor serviria as soluções possíveis dos problemas do Povo.

Na hora certa, que foi a da Revolução, apresentou-se, formando menos de quinze dias depois o Partido com que sonhara.

De seguida foi tudo aquilo que todos sabemos. Foi aquele homem que, como político, criou no País uma imagem, uma vontade um querer inultrapassáveis.

Recordar qualquer dos seus banhos de multidões é recordar o homem a que toda a gente queria apertar a mão, queria abraçar, queria pelo menos tocar. E o Francisco correspondia, dizia e mostrava que por entre o Povo se sentia no seu lugar ideal.

O Povo Português ainda não o esqueceu.

Como tudo seria diferente se não tivesse morrido tão cedo.

Tanta pena por serem tão poucos os políticos que falam nele, que se lembram do seu nome e no significado das suas palavras.



Fundão  
Novembro  
1978

Passados vinte e cinco anos desde a morte de Francisco Sá Carneiro interrogamo-nos sobre as razões por que o sentimos tão próximo e tão actual.

É evidente que não podem ser esquecidas a sua personalidade fascinante, o fulgor do pensamento, a coragem em todas as circunstâncias, a inteligência com que entendia as coisas e a clareza com que as explicava, conjugadas com surpreendentes dotes de intuição.

Temos presente que a frontalidade, o gosto pelo risco e a capacidade de antecipação não eram finalidades em si mesmas, antes serviam para promover os valores e o projecto em que acreditava e para os quais solicitou a adesão dos portugueses. Lembramos que lutou pela liberdade antes e depois de 25 de Abril de 1974 e que no Governo se revelou um verdadeiro homem de Estado, sabendo por acima de si próprio e dos interesses partidários ou sectoriais o bem da comunidade, dominando todos os problemas que lhe eram colocados e resolvendo-os com serenidade, competência e firmeza.

A situação é hoje muito diferente e os problemas com que nos debatemos são outros. É verdade que os portugueses fizeram de Sá Carneiro um vencedor, não tanto pelas vitórias eleitorais que deram à coligação de que foi o inspirador, mas sobretudo por terem exigido a realização do seu projecto para Portugal e nele terem participado. Tendo sido chamado o PSD ao Governo durante dezoito anos, isolado ou em coligação, foi possível consagrar a democracia plena, livre de tutelas militares em 1982; abrir mais tarde a economia à iniciativa criadora das pessoas e das empresas, pondo fim ao modelo estatista e burocrático que a primeira versão da Constituição de 1976 consagrava; participar plenamente no processo de integração

européia; concretizar progressivamente o acesso dos portugueses à educação e aos direitos sociais; criar redes de bibliotecas públicas e outros equipamentos culturais que facilitam o acesso à criação e aos bens culturais; consolidar a autonomia dos Açores e da Madeira; acabar com o predomínio do Estado na comunicação social, entre outros aspectos.

Mesmo aqueles que combateram as reformas e o programa propostos por Sá Carneiro aceitam-nos hoje consensualmente. Entretanto, novos problemas surgiram, sem esquecer a persistência da pobreza e da exclusão social, que ainda atingem a quinta parte dos portugueses: o envelhecimento da população e a baixíssima natalidade que não assegura sequer a manutenção da população actual, pondo também em causa a viabilidade dos sistemas de segurança social existentes; a necessária integração dos imigrantes; a saída de profissionais qualificados que procuram no estrangeiro o que não lhes é proporcionado no seu país natal; a concentração excessiva da população em duas grandes áreas metropolitanas nas quais é difícil viver com qualidade, levando à desertificação de grande parte do território; o peso brutal e a megalomania do Estado e da sua administração que elevaram a carga fiscal a níveis quase insuportáveis; a dificuldade de assegurar a competitividade de muitas empresas num cenário de globalização crescente; as novas ameaças internacionais como o terrorismo, os desequilíbrios agravados, as guerras civis e as más governações que mantêm boa parte dos povos do mundo em situações de carência; a obsessão pelo sucesso individual na sociedade, na política, na esfera mediática, nas estradas e nas ruas com desrespeito pelos direitos e pela integridade dos outros, dos valores fundamentais, do bem comum, do civismo, do ambiente e do empenhamento social e cultural; os estrangulamentos verificados nos sectores da justiça e da saúde, entre outros.

Como é que o exemplo de Sá Carneiro nos pode inspirar com vista a superar os problemas actuais?

Temos de afirmar em todas as circunstâncias os valores permanentes: o primado da Pessoa Humana, da sua dignidade e da sua liberdade; a justiça; a solidariedade; o humanismo universalista dos portugueses e a identidade de Portugal.

O humanismo personalista que inspirou Sá Carneiro deve nortear toda a acção política: "O homem é a nossa medida, nossa regra absoluta, nosso início e nossa meta".

Por consequência, a política não pode reduzir-se à luta instrumental pela conquista ou conservação do poder por um ou outro partido. O único objectivo possível é a promoção do bem comum através da resolução dos problemas concretos, o que exige uma acção que tenha sempre em conta as perspectivas de curto, médio e longo prazos, sem as quais a concepção e execução das políticas públicas estão votadas ao fracasso. Para isso há que rejeitar a demagogia populista, que Sá Carneiro abominava, afirmando que a gratificação instantânea que muitos pretendem não é possível.

Se há que respeitar a perspectiva de tempo imediato e a esfera própria da comunicação social, os políticos não devem deixar-se conduzir por ela. "A opinião da comunicação social não é a opinião nacional; não nos deixaremos determinar pela comunicação social. Governaremos de acordo com o critério do interesse nacional, não governaremos para a comunicação social".

O Estado democrático deve ser forte e eficaz, estando "ao serviço da pessoa" e garantindo a justiça e a igualdade de oportunidades. Mas não deve esmagar a iniciativa e a criatividade das pessoas e das entidades que elas criam na economia, na cultura e nas outras áreas sociais. A sociedade civil deve ser igualmente forte e capaz de assegurar a criação de riqueza e de emprego que suportem um qualidade de vida digna mas respeitadora

do ambiente, da natureza e do património cultural.

Sá Carneiro é actual pois os valores que defendeu são actuais e só uma acção política assente na coerência dos valores concretizados num projecto político tem sentido e permite soluções consistentes e duradouras. É actual pois o seu método reformista social-democrata estimula as mudanças contra o imobilismo dos interesses corporativos que ameaça a comunidade nacional. É actual pelo seu apelo às nações democráticas: "Têm de pôr de lado o comodismo (...) para se lançarem num combate criativo e ousado à miséria e à fome que ainda hoje dominam, infelizmente, o mundo".

Sá Carneiro é actual por ter sabido conjugar uma ética de convicção com uma ética de responsabilidade, praticando-as: "A política sem ética é uma vergonha, (...) quem actuar com a preocupação primeira de conservar o poder, é seguro que o perde mais depressa".

O Estado tem de ser mais responsável, os portugueses na sua vida quotidiana também. A alternativa à responsabilidade é pura e simplesmente algo que, em parte devido ao esquecimento dos valores permanentes e dos ensinamentos do passado por muitos que só conseguem ver o presente e não se preocupam com o futuro, é muito pouco lembrado: a decadência.

O exemplo de Francisco Sá Carneiro, que nunca se conformou com as duras realidades com que sucessivamente se confrontou na sua vida política, mostra-nos que, através da persistência em acções concertadas e coerentes, é possível evitá-la.

Nota: Todos os textos citados são da autoria de Francisco Sá Carneiro.



Évora  
Novembro 1979

Francisco Sá Carneiro fez muita falta a Portugal. E fez muita falta, entre outras, por uma simples e fundamental razão: com ele presente, tudo teria mais elegância, mais elevação, mais entusiasmo.

Naturalmente que se ainda estivesse entre nós, Sá Carneiro já se poderia ter retirado da vida política: aqueles que fazem Política por gosto, não estão nela contrariados. E é evidente que Sá Carneiro, por si só, não poderia tornar a vida política portuguesa no que ela deveria ser. Apesar do generalizado reconhecimento das suas enormes capacidades, o perfil de Francisco Sá Carneiro mereceu sempre, por umas razões ou por outras, as maiores reservas dos seus opositores e de forças tutelares dos sistemas políticos como o nosso.

Por ter partido tão novo, só liderou o seu Partido e a Oposição, poucos anos, cerca de três. Quanto ao Governo, para além do curtíssimo espaço de tempo em que exerceu funções no I Governo Provisório, não chegou a um ano o seu exercício do cargo de Primeiro Ministro. No entanto, ninguém o esqueceu.

É impossível num artigo como este expor as razões pelas quais Francisco Sá Carneiro atingiu tal patamar. Mas é bom lembrar que era um político por excelência, um político por convicção. Dificilmente, ainda mais dificilmente, passaria hoje «nas malhas» do «politicamente correcto». Teve de enfrentar duramente o Presidente da República de então (General Ramalho Eanes) e, como seria de esperar, teve a oposição da generalidade dos comentadores que, ao tempo, criticavam só na imprensa escrita.

Sá Carneiro teve papel relevante na conquista da liberdade e na consolidação da Democracia, na integração de Portugal na Europa e na defesa dos valores personalistas nas dimensões política, económica e social. Não hesitava na ruptura nem no consenso, quando necessários. E sempre assumiu a diferença com naturalidade democrática.

Se fosse hoje, talvez dissessem dele os falsos profetas do regime, que era um dependente da política ou um político de profissão. Mas Sá Carneiro, que fazia Política com gosto e com ética, sentia e sabia que a questão nem se punha, para quem, como ele, viveu a Política como ela deve ser vivida.

Quem pôde acompanhar a acção política de Sá Carneiro, que procure meditar nas razões pelas quais ele nunca foi esquecido. Quem não pôde, nomeadamente por uma questão de idade, que procure estudar essas causas.

Ninguém esqueceu a sua vida mas também não pode ser esquecida a sua morte e a dos que o acompanhavam naquela noite de 4 de Dezembro de 1980.

A coragem que Sá Carneiro sempre demonstrou é o exemplo a seguir.



Assinatura  
do acordo da AD  
Julho 1979

Conheci o Dr. Francisco Sá Carneiro nos tempos em que ele militava na chamada "Ala Liberal", tentando abrir caminhos de mudança na velha estrutura política do "Estado Novo". Foi a propósito da preparação da última revisão da Constituição de 1933, em 1971. Nesses breves contactos impressionaram-me a força das convicções democráticas – apostando uma democracia moderna e não em reeditar de 1911 – e a autoconfiança do então jovem advogado portuense. Mas, estava, então, longe de adivinhar que ele seria o primeiro e o grande "líder" do PPD, do Partido em que eu haveria de militar tão intensamente sobretudo nos primeiros anos pós 25 de Abril.

Na realidade, privei com o Francisco, com intimidade, a partir de Março de 1974, o que permitiu crescer uma amizade que as vicissitudes e divergências políticas não destruíram. Camarate veio revelar a profundidade do afecto fraterno que por ele nutria, e substitui-la pela saudade e respeito pela sua memória.

O Francisco Sá Carneiro era uma personalidade complexa, na grandeza da sua inteligência e carácter e nas inevitáveis contradições próprias da natureza humana. Era um homem norteado por valores éticos e de justiça em que profundamente acreditava. Aliava à lucidez uma penetrante intuição que lhe permitia no combate político traçar estratégias e táticas originais e muitas vezes fulgurantes. Tinha prazer na peleja, onde evidenciava coragem moral e física, mas não perdia de vista os objectivos últimos que afinal justificam o combate partidário.

Decidido e rápido nas opções refreava a sua impaciência pelo desejo de ouvir os conselhos dos que considerava sabedores e dignos da sua confiança.

O realismo obrigava-o a corrigir o entusiasmo dos ensaios audaciosos e a mudar as opiniões quando se verificavam serem menos correctas. Nisso como no resto foi fiel à sua honestidade radical.

Não foi um puro intelectual. Privilegiava demais a acção para se entregar a meditações prolongadas. Mas procurava aprofundar pelo estudo os problemas.

Na competência e grau elevado com que o fazia distinguiu-se da maioria dos políticos do seu tempo.

Provado várias vezes pela doença, não claudicou e apesar de tudo não cedeu às vozes que defendiam o facilitismo do abandono. O seu regresso de Londres para votar nas eleições da Constituinte em 1975 foi uma das manifestações dessa ténpera que não o deixava desistir da coisa começada. O mesmo aconteceu quando retomou a liderança após a célebre entrevista contra o "Grupo dos Nove" ao defender a sua posição com brilhantismo no Conselho Nacional na Estalagem da Via Norte ou, ainda, quando constituiu a AD, venceu as eleições e se tornou Primeiro Ministro.

A Sua existência demasiado rápida, foi vivida gozando cada dia a largos austos ensinado pelo sofrimento físico e pela dureza da luta política pelos ideais que gostaria de ver realizados em Portugal.



Sá Carneiro merece ser lembrado por ter sido um dos criadores - o mais importante - de um grande partido político e um dos principais factores da estabilização da democracia depois do 25 de Abril. Mas a sua grandeza está, sobretudo, em ter sido um homem na plenitude da sua condição.

Lisboa, 21 de Novembro de 2005

# SÁ CARNEIRO

AOS OLHOS DE UMA NOVA GERAÇÃO



Na sede  
do PPD

### VISÃO DE UM JOVEM SOBRE A VIDA DE SÁ CARNEIRO

Quando desde pequeno ouvia meus pais falarem de Francisco Sá Carneiro, como alguém que lutou verdadeiramente pela Democracia em Portugal e, que de uma forma inteligente trouxe ao nosso país uma aragem de esperança e mudança, estavam eles aí a abrir-me as portas da social-democracia.

Quando hoje tantos jovens se inibem de participar e actuar com medo de falharem, deveriam ver em Sá Carneiro o exemplo de alguém que nunca teve medo de dar a cara.

Soube sempre manter uma postura coerente e, nem mesmo a eleição para deputado da União Nacional em 69, o inibiu de se tornar num dos mais destacados membros da Ala Liberal da Assembleia Nacional, criticando frontalmente o regime, nomeadamente em defesa dos direitos humanos.

Alguém que, ao contrário de outros, nunca se vangloriou nem incluiu no seu currículo as vezes que (não) esteve preso, pois nunca foi essa a sua forma de estar. Alguém que acreditou numa mudança estável e progressista. Alguém que quando viu que as ferramentas colocadas à sua disposição não eram as melhores, não hesitou e meteu mãos a outras, como se viu na sua renúncia ao cargo de Deputado da Ala Liberal em Janeiro de 1973.

Foi esta a imagem que me foi transmitida e que fui moldando. A imagem de uma personalidade única, distinta mais pelo estilo do que pelo apego a uma qualquer ideologia partidária.

Comigo, e ao contrário de ídolos de infância que com o tempo se vão desvanecendo, Sá Carneiro foi-se cimentando.

Hoje, quando com os meus colegas e amigos discuto problemas inerentes à Associação e à nossa sociedade, costumo dizer que temos de aceitar as críticas de quem faz tanto ou mais que nós, porque gente de palavras há cada vez mais, em detrimento das pessoas que gostam de meter as mãos à obra.

E que mais dizer de alguém que viu a sua obra tão abruptamente cortada. Num tempo de capitães e convulsões, Sá Carneiro mostrou-se sempre um capitão perspicaz, em procura da melhor orientação das velas do seu barco, e o seu barco foi sempre Portugal.



## FRANCISCO SÁ CARNEIRO

Francisco Sá Carneiro é uma referência para todos nós, foi um grande líder e um homem que deu esperança ao nosso país. Foi um dos fundadores do nosso partido e um grande responsável pelo seu crescimento e implantação. Para os mais jovens, que não tiveram oportunidade de o conhecer politicamente, sentimos que muitos dos seus ensinamentos ainda se encontram actuais e que muitas das lutas, ainda hoje, são lutas da juventude portuguesa. É verdade que para nós Francisco Sá Carneiro nunca se foi embora, seja numa imagem, num discurso ou em livros, estamos constantemente na sua presença na nossa vida política.

Como Presidente da JSD, nunca esquecerei as palavras que tinha para a JSD, " ...outro sector para nós vital é o da juventude. A JSD pode ser diferente do PPD, crítica, até incómoda para a nossa geração já um pouco cansada – mas é isso que se espera dela...", " ...disponibilidade essencial para um partido político, que não pode ser concebido, como aqui já ouvi, como simples máquina eleitoral; por isso é que a disponibilidade de estudo, de reflexão e de trabalho dos jovens é essencial para uma organização partidária...". Todas estas palavras são ainda hoje estímulos para quem está na Juventude Social Democrata, são estímulos para os jovens, é verdade que por vezes faz falta ouvir estas palavras de outras gerações...

No presente, sentimo-nos cada vez mais os pagadores de um passado mal gerido, os jovens poderão ter o seu futuro hipotecado e com menos portas abertas a nível de áreas como o Emprego e a Educação. Pensamos

sempre como seria o nosso futuro com Francisco Sá Carneiro como Primeiro Ministro, não sabemos concretamente o que nos esperava, mas sabemos que a qualidade dos seus actos na vida política, aspiravam a um grande futuro para Portugal.

Como jovens, revolta-nos todo o processo "Camarate", as sucessivas Comissões de Inquérito, as várias versões, os filmes, os relatos... percebemos que nunca se vai saber a verdade, sobre o fim da vida do maior inspirador da democracia portuguesa. Terá sido o fim de um sonho? Não, o que nos entusiasma é sabermos que existe um caminho para Portugal, existem soluções para o nosso país, sabemos que a aposta nas gerações mais novas irá tornar o nosso futuro mais promissor, sentir o que Francisco Sá Carneiro queria transmitir e consequentemente levar a cabo pelo menos a sua força de lutar por uma vida melhor. Para nós com o falecimento deste grande homem, não acabou a esperança, continuou a luta, e nos 25 anos do seu falecimento, a maior celebração será continuar a crescer a JSD, o PSD e a protagonizarmos no nosso país os nossos ideais, as nossas bandeiras. Estaremos sempre Presentes!

## DANIEL FANGUEIRO

Presidente da JSD



Guarda  
Setembro 1980

### SÁ CARNEIRO – A REVOLUÇÃO TRANQUILA

Assinalar a passagem dos 25 anos sobre a morte de Francisco Sá Carneiro constitui um dever para todos quantos com ele privaram ou que puderam beneficiar do brilho do seu pensamento. Que dizer, porém, dos jovens, nascidos ao tempo, hoje confrontados com a sua memória? Que significa, para eles, Sá Carneiro?

Figurar na história não é um feito comum, muitos o desejam, poucos o conseguem. Dir-se-ia até que, ironia da história, apenas dela são merecedores os que trabalham pelos outros e não pela história, os que dedicam a sua vida ao próximo e não à vã vaidade de um dia inscrever o seu nome nos livros. Mais que ser parte da história, Sá Carneiro é parte do presente. Sá Carneiro pertence ao restrito número de pessoas cuja obra transcendeu a vida. É uma figura presente pela influência da sua obra, pelo exemplo da sua vida, pela circunstância da sua morte. A vida política portuguesa foi, por ele, inelutavelmente marcada, sendo referência constante de políticos, jornalistas e cidadãos. Não é, pois, à distância que as gerações mais jovens olham Sá Carneiro. Sá Carneiro é história mas é, sobretudo, presente e futuro.

Uma ideia que julgo ser recorrente entre os jovens sobre Sá Carneiro é a coerência de vida e de obra. Não é alguém associado a um momento, conotado com uma facção, aliado de um movimento. Poder-se-ia sintetizar esta ideia na revolução tranquila que propôs para Portugal.

O seu nome é incontornável na Ala Liberal, movimento que, ainda hoje, gera grande simpatia pela oportunidade de transição que representou, num momento crucial da história portuguesa. Assim, a 25 de Novembro de 1969, iniciou-se a legislatura da Assembleia Nacional que representava a nova esperança por integrar um grupo de jovens extraordinários que foram designados de “Ala Liberal”. Neste grupo, Sá Carneiro evidenciava-se pelo brilho das suas intervenções. O grande desígnio era, ao tempo, a defesa das reformas que evitassem os custos de uma revolução.

Com o fim da esperança reformista, a queda do regime tornou-se inevitável e a revolução iminente, tal como o tinham previsto os brilhantes parlamentares da Ala Liberal. Sá Carneiro não foi, mais uma vez, pessoa de ruptura mas de consenso, trabalhando activamente para a reconstrução do país e da credibilidade das suas instituições. Em Maio de 1974, durante uma reunião da SEDES, Sá Carneiro e Magalhães Mota anunciaram a sua intenção de formar o PPD. Sá Carneiro é, então, escolhido para líder do partido, numa reunião na Curia, onde as suas qualidades de liderança são exuberantemente confirmadas. Os primeiros tempos, são, porém, de convivência com o colégio de notáveis fundadores do partido.

O PPD, sob a liderança de Sá Carneiro, foi um elemento de estabilidade durante os conturbados tempos do período revolucionário. Sá Carneiro trabalhou arduamente para a consolidação do regime, evitando as cisões internas no PPD que, a verificarem-se, seriam fonte de grande perturbação num período difícil. Depois do 11 de Março, problemas de saúde obrigariam ao seu

afastamento temporário dos órgãos do partido cuja liderança só viria a recuperar já depois das eleições para a Assembleia Constituinte. O partido sentiu-se órfão, durante esse período, pela ausência do seu líder e fundador, tendo enfrentado, nessas condições, as eleições de 25 de Abril de 1975.

Mas Sá Carneiro haveria de regressar, para desempenhar um papel fundamental na consolidação da democracia, sabendo retirar os efeitos decisivos do 25 de Novembro. O momento era de pacificação das estruturas sociais e políticas, tendo Sá Carneiro, mais uma vez, garantido a estabilidade. Alcançada a almejada tranquilidade, o PSD caminhava para um movimento de aproximação ao PS que ficou denominado de “convergência democrática”. Em desacordo com este movimento, Sá Carneiro, demite-se da liderança do partido que tinha fundado. O afastamento da liderança não foi, contudo, prolongado e, decorrido menos de um ano, Sá Carneiro volta à liderança do partido.

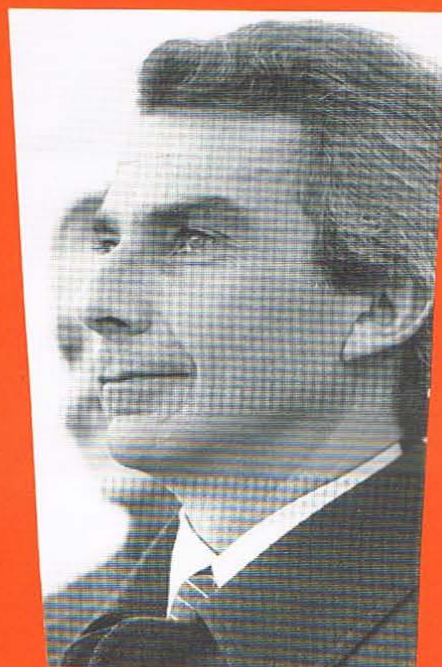
Após a constituição, com Freitas do Amaral, da Aliança Democrática, a AD vem a ganhar as eleições de 2 de Dezembro de 1979, com Sá Carneiro como Primeiro Ministro. Foi um Primeiro Ministro moderno e respeitado, que colocou Portugal no caminho do desenvolvimento, tendo iniciado reformas no âmbito da política económica e da política externa que permitiriam consolidar a democracia e, em consequência, revitalizar a credibilidade externa do país.

Esta muito rápida incursão é resultante da visão de alguém que nasceu ao tempo da prematura partida

de Sá Carneiro. Dela ressalta a posição sempre tranquila de um político coerente e de uma pessoa de valores. Por isso o seu exemplo é permanente. Não é a história que hoje buscamos, embora nela encontremos o testemunho de perseverança. É o exemplo sempre presente de alguém que soube encontrar na revolução tranquila o caminho e a solução para a adversidade. Assim o saibamos escutar, assim o possamos seguir.

Francisco de Sá Carneiro ocupa um lugar ímpar na história recente de Portugal. A forma como viveu a política e a entrega que demonstrou à causa pública devem ser uma fonte de inspiração para a nova geração de políticos e para todos os que se identificam com a sua visão para Portugal.

Num momento em que o País atravessa um período de particular pessimismo, provocado por dificuldades económicas e tensões sociais cada vez mais evidentes, lembrar esta figura central da nossa democracia ganha um novo sentido. É importante que hoje, como há três décadas com Sá Carneiro, sejamos capazes de acreditar num projecto partilhado por todos para Portugal.





Com Francisco  
Pinto Balsemão

Eu não sou daqueles que teve o prazer de ter sido contemporâneo de Francisco Sá Carneiro, mas sou daqueles que tem bem impresso o seu gosto pela vida democrática.

Penso que a marca que ficou para muitos da sua história seja a data 04 de Dezembro de 1980 pela sua morte trágica. Mas talvez, mais do que a sua morte, devíamos lembrar bem pelo que viveu: Sá Carneiro, mais que “Camarate” onde morreu, deve significar “Portugal” por que viveu.

Neste meu pequeno texto partirei, para sintetizar o seu pensamento, do discurso que Francisco Sá Carneiro proferiu em 11 de Janeiro de 1980 no Palácio de S. Bento perante a Assembleia da República, no qual apresentava o Programa do VI Governo Constitucional.

Começou realçando a primeira grande vitória da AD (PSD/CDS/PPM) nas eleições de 02 de Dezembro de 1979, sobre as forças partidárias do PS e do PCP: «pela primeira vez a maioria mudou pacífica, legal e honestamente pelo voto»!

Definiu então as suas grandes opções para Portugal: «defesa do princípio da legalidade, salvaguarda da autoridade do Estado de Direito e acatamento da lei Constitucional; desenvolvimento da autonomia das Regiões Autónomas, bem como da unidade e da solidariedade nacional; reforço das formas de participação dos cidadãos, quer residentes quer emigrantes, na vida colectiva e a prática do diálogo como método de superação dos conflitos; preservação da independência

e da dignidade do País, com aprofundamento da opção europeia e atlântica de Portugal; combate à crise económica e luta pela melhoria da qualidade de vida e bem-estar dos portugueses.»

Estas são as linhas de orientação que levaram a minha geração a esquecer rapidamente que houve em Portugal muitos anos um sistema ditatorial, ou um regime pós-revolucionário com grande instabilidade social.

Sá Carneiro tinha também preparado uma estratégia com objectivo: não queria apenas vencer as eleições legislativas mas também apresentar um candidato às eleições presidenciais de 1981. Ele previu que estes meios — uma maioria parlamentar e um Presidente da República— permitissem preparar a revisão da então Constituição de 1976, acabando com o Conselho da Revolução e preparando o regresso ao sector privado das empresas nacionalizadas após o golpe de 11 de Março de 1975.

A revisão da Constituição só seria conseguida pelo Governo seguinte, liderado por Pinto Balsemão, e a privatização das empresas nacionalizadas só foi começada a ser realizada durante os Governos de Cavaco Silva.

Não posso esquecer, por isso, este homem que lançou as pedras da nossa democracia presente: e que pedia aos líderes do futuro que pensem menos no caciquismo fácil em que às vezes nos perdemos e mais ao serviço da causa pública, mais em Portugal!

**PEDRO ESTEVES**

Presidente Federação Académica do Porto





Rio Maior  
1980

## FRANCISCO SÁ CARNEIRO

Ao recordar Francisco Sá Carneiro a primeira coisa em que penso é: como teria sido se ainda hoje estivesse entre nós?

Como jovem social democrata procurei sempre perceber a história do partido, história que se confunde por diversas vezes com Francisco Sá Carneiro.

Foi lendo muitas das suas palavras que com entusiasmo fui aprendendo a admirar o homem que era. Principalmente os princípios que valorizava e que, hoje, passados 25 anos posso verificar que não existem na Política Portuguesa.

Palavras como "O Estado ao serviço da pessoa" ou "O acesso a todos os bens da comunidade é indispensável para que a liberdade não fique limitada a um mero conceito", para mencionar apenas dois, deixam um Jovem como eu nostálgico de como teria sido importante para o País e para o nosso futuro que tivesse continuado ao serviço do mesmo.

Resta-nos tirar partido do que nos deixou, os seus ensinamentos e o PPD/PSD.

Nos ensinamentos, fazendo nós próprios aquilo que ele de forma dramática não conseguiu realizar, com a importância que deve ter o indivíduo Político no meio, mas principalmente em relação aos outros, transformar a

comunidade para que todos participem nos bens da mesma, com responsabilidade e limitação do poder político;

Pensar sempre enquanto indivíduo e o porquê na nossa existência pessoal, da educação ao futuro dos filhos, as condições de vida e trabalho, a liberdade e responsabilidade;

Com o PSD/PPD a escola de todos os princípios e o modelo de independência e liberdade política que devemos saber implementar. O saber pensar e exprimir as nossas ideias e opiniões porque somos seres inteligentes e livres com necessidade de realizar os dons da vida. O maior ensinamento é procurarmos por nós próprios, independentes de disciplina partidária ou religiosa, trabalhar nas soluções dos problemas e não nos limitarmos ao seu levantamento e conseqüente reclamação ou exigência.

Como foi possível deixar passar 25 anos e ficar tudo na mesma, é verdade que evoluímos, mas evoluímos no sentido natural da sociedade, apenas o que nos rodeia sem nos preocuparmos com certos bens essenciais e continuamos a necessitar desses bens e demasiados presos a máquinas partidárias.

Percebo então que Francisco Sá Carneiro era um visionário, mas que as suas palavras não foram entendidas, ou por outro lado, possivelmente foram entendidas por quem via nessas palavras um bloqueio para os interesses pessoais ou colectivos interessados e organizados, e como sempre acontece nas situações de futuro risonho,



Durante a conferência de imprensa de 6 de Maio de 1974, Sá Carneiro, Magalhães Mota e Pinto Balsemão anunciam a fundação do PSD.

A principal qualidade política de Sá Carneiro foi a sua capacidade de visão. Visão que era previsão e antevisão, mas ia mais além, porque implicava uma projecção no futuro do cenário escolhido e a adopção do caminho adequado para o percorrer e alcançar. O que pressupunha uma avaliação permanente da situação e a consequente tomada de decisões no tempo certo.

Visão, na Assembleia Nacional, ao denunciar a questão ultramarina, ao apresentar um programa completo da restauração das liberdades e garantias individuais e dos direitos políticos, ao assinar um projecto de revisão da Constituição de 1933. Visão, fora da Assembleia Nacional e antes do 25 de Abril, ao deixar bem clara a sua opção social-democrata, ao escolher grandes temas para os artigos no Expresso que raras vezes a Censura deixava publicar, ao saber escolher outras áreas de actuação, desde a Sedes a iniciativas ligadas ao Bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes. Visão, durante o PREC, ao entender, ainda a tempo, e denunciar a tomada do poder pelo PCP e os seus aliados no MFA, ao tentar impedir que ela se ramificasse por todos os centros de decisão da sociedade portuguesa e se reflectisse na própria Constituição de 1976, ao procurar evitar sem êxito que o PS fosse companheiro de percurso do PCP, ao insistir na adesão à CEE, numa altura em que isso não estava na moda, ao marcar claramente a opção social-democrata do PSD, cortando cerce as tentações direitistas de vários militantes de segunda e mesmo de primeira hora.

Visão, depois do PREC, ao estabelecer a sua rota dentro e fora do país, ao perceber a necessidade de um

governo maioritário, ao tentar uma coligação com o PS, ao criar a coligação AD, ao governar com eficácia e autoridade, o que lhe garantiu o triunfo em duas eleições legislativas no espaço de um ano (1979 e 1980), ao abrir o caminho para a Europa, ao entender que o Presidente da República seria um obstáculo à normalização da vida democrática, o que implicava a revisão da Constituição.

É pena que este homem de visão e de palavra, que não deixou sucessor, não esteja mais entre nós.

Muitas vezes me interrogo: como seria Portugal se Francisco Sá Carneiro tivesse vivido?

Não é, obviamente, possível responder com exactidão. Uma coisa porém é certa: se Sá Carneiro não tivesse morrido, Portugal estaria melhor. Melhor não apenas no que respeita ao desenvolvimento e às estatísticas económicas e financeiras mas, sobretudo, no que respeita à diminuição das injustiças sociais e à criação de igualdade de oportunidades, nas várias etapas da vida social e profissional.

Essa é afinal a palavra de ordem da social-democracia: a liberdade é essencial mas, sem igualdade, a liberdade plena nunca será alcançada.

Para além das merecidas e necessárias evocações, a continuação da luta pela concretização desta palavra de ordem é – já o disse várias vezes e volto a dizê-lo 25 anos depois da tragédia de Camarate – a melhor homenagem que podemos prestar a Francisco Sá Carneiro.

alguém ou algo se encarrega de passar rapidamente para a história, para que para sempre perdure a ideia que não passou de um sonho.

Por tudo isto, Francisco Sá Carneiro, apesar de não estar presente e de pessoalmente, pela idade que tenho, não ter tido oportunidade de "ver" o seu trabalho é como um professor para sempre, que pelas surpresas negativas da vida fica ligado para sempre na história do País e será sempre admirado por jovens de todas as gerações que mantenham um vínculo social democrata e uma participação cívica activa.

Da parte de um Jovem, Social Democrata, mais do que dizer que queremos seguir os seus ensinamentos, é sabermos fazer como queremos, sermos nós próprios, será esta a melhor homenagem a quem tanto queria ser ele próprio.

A minha visão de Francisco Sá Carneiro não é mais do que a visão de alguém que acreditava no homem pelas suas palavras e por revelarem aquilo que sinto em relação à Política, à comunidade e na minha vida.



Porto 1980

## SÁ CARNEIRO

"A democratização do ensino é importante para a construção de uma nova sociedade democrática, mas não pode ser considerada como seu factor exclusivo.

Tem de ser acompanhada de reformas sociais, económicas e políticas, sem o que acabará num impasse."

Este pequeno excerto de um texto publicado por Francisco Sá Carneiro na secção "Visto" do Jornal "Expresso", data de 24 de Março de 1973, demonstra claramente a visão globalizante que tinha relativamente à problemática conjuntural do ensino.

Sá Carneiro queria um Portugal instruído, só assim seria um povo consciente dos nossos direitos e liberdades individuais, capazes de transferir essa capacidade para uma memória colectiva que nos levasse à transcendência enquanto povo empenhado na construção de uma sociedade democrática em que a participação social seria uma realidade efectiva e não uma mera ilusão de um totalitarismo dormente.

Não podemos, no entanto, retirar estas afirmações do seu contexto histórico-político, em que a instrução não coincide com educação, nem esta com liberdade. Apesar disso, continua a ter uma actualidade e uma pertinência espantosas.

Todas as reformas estruturantes ainda necessárias no nosso sistema educativo carecem de um acompanhamento a nível político, económico e social sob risco de serem ineficazes.

Quando o Ensino Superior Particular e Cooperativo arriscou os primeiros passos, há quase 30 anos, ajudando a puxar

Portugal para o convívio das nações civilizadas, foi olhado com desconfiança por diversos (e até antagónicos) sectores da sociedade portuguesa.

A democratização do ensino de que falara Francisco Sá Carneiro uns anos antes, tomou-se então uma realidade, demonstrando (novamente) aquilo, que quem teve o privilégio de trabalhar mais perto dele ou pertencer ao seu núcleo de amigos disse ou como escreveu o Professor Marcelo Rebelo de Sousa no seu livro, "A Revolução e o Nascimento do PPD" – "ele era um homem à frente do seu tempo".

Lamentavelmente, são muitos os que ainda pensam que o direito ao ensino deve ser assegurado pelo Estado em escolas estatais e que a liberdade de ensino foi apenas o nome enfático que se deu a uma panaceia, agora desnecessária, para uma doença, quase extinta, chamada "numerus clausus".

Portugal cresceu, é certo. Mas podíamos ter feito mais e melhor! A disparidade entre o sistema público e privado continua a ser gritante e num momento em que o Ensino Superior atravessa uma alteração transversal e transnacional imposta pelo desígnio Europeu ao qual moldamos a nossa consciência colectiva, acorrem-me ao pensamento as palavras de Eça de Queiroz, "Têm medo: conhecem que o povo ilustrado, cõnscio dos seus direitos, sabendo o que é a Justiça, Razão e Direito lhes pediria contas" – "Prosas Esquecidas", II, 39.

O Ensino Superior Privado não pode esperar mais! É impensável que o poder político, do Portugal democrático e europeu continue a ter a sua visão toldada por baias ideológicas que lhe turvam o horizonte comprometendo, por isso, o futuro de milhares de jovens e o desenvolvimento do País, deixando bem claro que a roupagem da modernidade lhe fica curta nas mangas.



## FRANCISCO SÁ CARNEIRO: UMA REFERÊNCIA PARA AS NOVAS GERAÇÕES

Francisco Sá Carneiro deixou-nos há vinte e cinco anos. Tinha eu três anos. O seu desaparecimento deixou o país transtornado, perplexo e revoltado contra a ocultação da verdade, sobre o que realmente aconteceu naquele dia 4 de Dezembro de 1980.

O carismático fundador do nosso Partido deixou-nos uma lição de vida, um rasto de determinação, coragem, persistência; um legado às novas gerações.

Dele recebemos um testemunho de luta pela Liberdade e pela Democracia; de combate por causas e por valores.

Francisco Sá Carneiro é para mim e para tantos jovens portugueses uma das maiores referências do Portugal Democrático.

Tenho orgulho em pertencer ao Partido que ele fundou, que deu os primeiros passos sob a sua liderança e que se tornou desde o início o Partido mais português de Portugal, capaz de reunir o mundo rural e o mundo urbano, de mobilizar gente de todas as áreas de actividade, de todas as gerações.

Marcou-me significativamente a sua mensagem de apelo à participação dos jovens na vida política, num papel de consciência crítica nas diferentes organizações da sociedade.

Sentimos todos que o seu contributo foi decisivo para o PSD ser um partido com forte implantação no poder local, aquele que está mais próximo das pessoas e, por isso, mais próximo dos seus problemas.

Como autarca, aos 28 anos, sinto uma enorme pena de não ter conhecido melhor Francisco Sá Carneiro, mas agradeço-lhe, pelo seu exemplo, que nos faz aprender todos os dias que a luta incessante por aquilo em que acreditamos é o melhor caminho para termos sucesso.

A determinação, a capacidade de luta e a perseverança marcaram indelevelmente o seu percurso e serão sempre uma referência viva para as novas gerações, na construção de um país mais justo, mais coeso e mais desenvolvido.

**RICARDO PEREIRA ALVES**  
Presidente da Câmara Municipal de Arganil



Leiria 1979

## A OUTRA DÍVIDA

Há 25 anos atrás, quando Sá Carneiro morreu eu era ainda um miúdo, bem mais preocupado com os meus carrinhos que propriamente com os problemas da república. Que posso eu acrescentar sobre alguém que infelizmente não tive tempo para conhecer ou admirar? Sobre a sua influência, legado político e ímpeto reformista outros podem falar com mais experiência e conhecimento de causa. E de facto, 25 anos depois, todos sem excepção, evocam a sua figura carismática. Todos sem excepção louvam o seu papel repetindo que o partido e o país estão em dívida para com ele.

A mim, que não vivi aqueles dias, o nome de Francisco de Sá Carneiro também me desperta um enorme sentimento de dívida. Um sentimento que deveria ser comum a todos os portugueses. Cada dia que passa, cada trágico aniversário que invocamos, é mais um dia, é mais um ano sem que se conheça a verdade do que se passou em Camarate a 4 de Dezembro de 1980. É mais um dia, é mais um ano que se passa sem que se faça justiça.

Sobre este evento extraordinário que mata um Primeiro Ministro em exercício de funções já se ouviu e leu quase tudo. Que foi um bizarro embate numa casa, que foi falta de gasolina, que foi avaria mecânica, que foi negligência do piloto e até que foi muito azar. Foram feitas dezenas de interrogatórios, perícias e relatórios. Há centenas, milhares de páginas escritas sobre o assunto em todo o tipo de documentos. Há resultados unânimes de comissões parlamentares de inquérito que provam a tese do atentado e que apelam para que o processo seja

reaberto nos tribunais e até um despacho de tribunal que conclui não ter havido acidente mas que não diz ter havido atentado. E o país resignou-se a esta não explicação. A esta monstruosa extravagância de não verdade a que se chama de justiça. O país confirmou-se a não saber como morreu o mais amado de todos os seus primeiros-ministros. Que vergonha para todos!

Sá Carneiro sonhou com um Portugal mais democrático, mais próspero, mais livre e sobretudo mais justo. Sem o seu ímpeto irreverente e reformista, vagarosamente damos forma a esse sonho. Evocando-o sempre que o calendário ou o momento sejam mais oportunos.

Não deixa por isso de ser irónico que um quarto de século depois continue por ser feita justiça. Não deixa de ser tristemente irónico que quando encolhemos os ombros e nos resignamos a esta absurda ignorância sobre a verdade, estamos a trair e a insultar a obra e a memória do homem que tanto gostamos de evocar.

A verdadeira dívida de Portugal para com Francisco Sá Carneiro é bem maior que política, doutrinária ou histórica. É, sobretudo, uma dívida moral. Porque o direito à justiça é também uma questão de dignidade.

Um quarto de século depois é bom lembrar que a dívida moral mantém-se e nunca prescreve. Uma dívida do país, de todos os portugueses, que muito provavelmente só a nossa geração poderá alguma vez saldar. E agora que também nós evocamos o nome de Sá Carneiro, vamos não esquecer esta dívida, vamos assumi-la como nossa.



1980

A pessoa humana define-se pela liberdade. Ser homem é ser livre. Coarctar a liberdade é despersonalizar; suprimi-la desumanizar. A liberdade de pensar é a liberdade de ser, pois implica a liberdade de exprimir o pensamento e a de realizar na acção.

Francisco Sá Carneiro · "Textos" · Primeiro Volume · 1969-1973

Francisco Manuel Lumbrales de Sá Carneiro nasceu no Porto, a 19 de Julho de 1934. Da invicta cidade herdou o pendor liberal e a irreverência própria da força das convicções.

Em 1969 foi eleito deputado à Assembleia Nacional pelo círculo eleitoral do Porto. Em Matosinhos, na sessão de propaganda eleitoral realizada a 12 de Outubro, iniciou o seu percurso político declarando: "Recuso-me a aceitar que sejamos assim, que o nosso povo tenha por natureza de ficar eternamente sujeito ao paternalismo de um homem, de um sistema ou de uma classe".

Norteador por estes valores, foi eleito deputado independente na Ala Liberal durante o regime de Marcelo Caetano. Entre 1969 e 1973, demarcou-se pela intransigência na defesa dos direitos e das liberdades individuais, na instauração de um regime democrático e na efectivação das liberdades públicas. Renunciou ao cargo de deputado a 25 de Janeiro de 1973 explicitando, por carta ao Sr. Presidente da Assembleia Nacional, que "A sistemática declaração de inconveniência atribuída, nestes dois meses passados, aos meus seis projectos e as inusitadas considerações agora, pela primeira vez, produzidas pela Comissão de Política e Administração Geral e Local, levam-me a concluir à evidência não poder con-

tinuar no desempenho do meu mandato sem quebra da minha dignidade, por inexistência do mínimo de condições de actuação livre e útil que reputo essencial."

A 7 de Maio de 74 Sá Carneiro lançou-se, em conjunto com Pinto Balsemão e Magalhães Mota na preparação de um anteprojecto de bases programáticas de um Partido, o qual havia de surgir ainda nesse mesmo mês. Com a abnegação dos grandes líderes, asseverava no I Congresso Nacional, "O P.P.D. não foram apenas os seus fundadores. Foram e são as dezenas de milhares de portugueses vindos de diversos quadrantes e com diversas experiências que a ele aderiram."

Sá Carneiro assumiu as funções de Secretário-Geral do Partido e foi Ministro-adjunto do Primeiro Ministro no 1º Governo Provisório. Em 1975 foi eleito deputado à Assembleia da República, nunca chegando a assumir por motivos de saúde. No Partido, Emídio Guerreiro assegurou a substituição interina, mas Sá Carneiro havia de regressar à liderança em Novembro. Igual a si próprio, forçou a primeira grande cisão dentro do partido. Era o momento de manter, ou não, a opção socialista. No II Congresso Nacional Sá Carneiro consolida a sua liderança afastando-se de um projecto político baseado no dirigismo socialista.

Contudo, o novo impulso do Partido não foi unânime e uma sólida oposição interna, a qual insistia numa aproximação ao PS e à esquerda, começava a ganhar expressão. Em Novembro de 77, Sá Carneiro, sentindo perdida a sua base de apoio demite-se de presidente. É substituído por Sousa Franco em Janeiro de 78.

**RUI TRINDADE**

Economista na Associação Portuguesa para o Investimento (API)

Fiel aos seus valores e princípios Sá Carneiro não desiste, insurgindo-se contra o Governo e contra o Presidente da República Ramalho Eanes. Dois meses depois de tomar posse, a nova direcção do PPD, incomodada e desautorizada pelo carisma do seu fundador demite-se das funções.

O partido rendia-se finalmente à sua estratégia e o VI Congresso marca o regresso de Sá Carneiro à liderança do partido. No encerramento dessa reunião reafirma as bases que hão-de perdurar no PSD até aos dias de hoje: "O PSD é e continuará a ser o grande Partido Português liberto de subordinações ideológicas e de dependências internacionais. Respeitamos a liberdade de opinião de cada um mas estamos unidos nas deliberações tomadas num Programa indiscutido, numa prática social-democrata. Não temos tendências nem alas mas nunca prescindimos do respeito pela personalidade, pela dignidade e pela liberdade de cada um. No PSD não há urbanos e rurais, não há liberais e socialistas, não há massas e vanguardas. Há, sim, os portugueses e sociais-democratas que todos somos."

Sá Carneiro marcou a nova liderança através de três frentes distintas: contra Eanes, contra o Conselho da Revolução e pela constituição da 'Aliança Democrática'. A bipolarização é apresentada como a única forma de se atingir a meta de 'Um Governo, uma Maioria e um Presidente'.

Em 5 de Julho de 1979 lidera a Aliança Democrática, que com o CDS e o PPM, consegue, nas eleições legislativas intercalares de Dezembro de 79, a maioria

absoluta. Sá Carneiro é chamado a formar Governo e lança-se em apoio à candidatura de Soares Carneiro, ameaçando com a sua demissão do cargo de Primeiro Ministro, caso este não fosse eleito.

Sá Carneiro deixa-nos em 1981, vítima de um acidente de aviação, quando se deslocava para um comício de apoio a Soares Carneiro, na cidade que o viu nascer. Mas a sua partida não representou a sua morte. Ficará para sempre connosco a sua memória e as suas convicções. Ficarão para sempre connosco as suas palavras. Palavras que tentaremos honrar através nossas acções.

"A confiança que em nós depositaram os portugueses temos de corresponder com muito trabalho e com um grande sentido de responsabilidade e de patriotismo. É o que vamos continuar a fazer, ainda com maior empenhamento, para bem de todos."

Francisco Sá Carneiro · Mensagem sobre as eleições · 05.12.79





## FRANCISCO SÁ CARNEIRO

O sentido de justiça é semelhante na consciência de todos os homens que partilham os mesmos objectivos propostos por uma civilização. A maneira de aplicar e distribuir a justiça depende da articulação lógica com as leis morais e estatutárias que se pretendam valorizar. A política é uma transferência da personalidade para a imaginação produtiva do cidadão comum. O estado de ânimo do líder interfere no livre jogo da imaginação geral.

Francisco Sá Carneiro foi um líder. Pode dizer-se que foi em Portugal o primeiro governante a compreender, de maneira intuitiva e envolvente, a necessidade de separar a política da filosofia crítica dos partidos; para lhe dar um impulso realista que poderia inspirar uma educação útil.

Toda a política é, em geral, uma gesticulação em volta duma educação. Essa gesticulação produz cabeças confusas que, por sua vez, desenvolvem pessoas inquietas ou temerárias. Sá Carneiro teve a noção da sociedade que hoje nos descreve o panorama não só europeu, como mundial: aquele em que a timidez egoísta se enfrenta com a exasperação idealista. É esta visão ética profunda que está no pensamento de Sá Carneiro. Pensamento que infelizmente não teve tempo de amadurecer, a ponto de o incluir nos direitos do homem. Os direitos do homem que não são confirmados pela responsabilidade não passam de extravagância.

A natureza fez o animal; a educação faz o homem. Sá Carneiro foi um agente de comunicabilidade geral, e não um doutrinador. É assim que ele se define: como alguém que antecipa o procedimento dos povos de que fazemos parte e que serão a garantia duma unidade do que é sensível, inteligente e criador.

## AGUSTINA BESSA-LUÍS

## A VISÃO DE SÁ CARNEIRO

Antes do 25 de Abril de 1974, via em Francisco Sá Carneiro e na então chamada Ala Liberal, a possibilidade de mudança da ditadura para uma Democracia Representativa, sem os ónus de uma "revolução" marxista como a que ainda hoje pagamos, solução que, depois, a Espanha soube encontrar inteligentemente.

Foi nessa linha que comecei a escrever na imprensa madeirense. Discordei quando Sá Carneiro se retirou da Assembleia Nacional, pois, para mim, tal representava o fim de qualquer expectativa de mudança de regime, de forma democrática e não radical.

Posteriormente, um dia, falando com Francisco Sá Carneiro sobre isto, ele explicou-me que não havia outra atitude a tomar, pois estavam esgotadas todas e quaisquer possibilidades de entendimento com um poder político que, entretanto, endurecia cada vez mais, até com atitudes de falta de educação.

Francisco Sá Carneiro era uma personalidade fascinante. Não só pela sua cultura e berço, mas também pela sua fé que tinha em Portugal e nos Portugueses, que o levava a adoptar na política uma postura dialéctica de combate activo. Identificando o "adversário", a este não dava facilidades, prioritando a concretização dos objectivos definidos.

Tive o privilégio de com ele conviver um pouco, já que Francisco Sá Carneiro elegia a Madeira para repouso de muitos fins-de-semana. Às vezes, às sextas-feiras, do

outro lado da linha, Conceição Monteiro dizia: "Alberto João, veja se há lugar no Reid's".

E era extraordinário contemplar a sua mordacidade, o seu sarcasmo cortante, mal ouvia, ao acaso, o nome de qualquer político que lhe desagradasse. A sua atitude perante a vida, era a de um constante desafio. Até quando se lhe dizia para não trepar a escarpa montanhosa sobre um precipício, ou não se atirar ao mar com a digestão ainda por fazer.

Ideologicamente, recordo dois pontos fundamentais da Sua Doutrina. Era profundamente autonomista em relação à Madeira e aos Açores. Aos seus Governos, após as diletâncias dos anteriores, se deve a concretização do arranque daquilo que as Autonomias Insulares são hoje em dia.

Sobretudo era contra o sistema político-constitucional ainda agora vigente, pois anteviu a sua inaptidão para desenvolver Portugal integralmente, bem como avisava sobre a corporativização que acabou por se dar, em detrimento da Democracia Representativa.

Muitos de nós, muitos mais do que parece no sentido da oportunidade que depois veio pontificando no PPD/PSD, continuamos identificados com o Pensamento de Francisco Sá Carneiro. Um dia o País verá...

A última vez que estivemos juntos, éramos apenas os dois casais, a jantar num restaurante da Zona Velha do Funchal. Discutíamos duas questões, relacionadas com a indignação do General Soares Carneiro para candidato presidencial.

# SÁ CARNEIRO

PENSAMENTO, VISÃO E ALMA.

40 DEPOIMENTOS.

FRANCISCO PINTO BALSEMÃO	MARCELO REBELO DE SOUSA
AGUSTINA BESSA-LUÍS	MENÉRES PIMENTEL
ALBERTO JOÃO JARDIM	MIGUEL CADILHE
ALVARO BARRETO	MIGUEL VEIGA
AMÂNDIO AZEVEDO	MONTALVÃO MACHADO
ANÍBAL CAVACO SILVA	PEDRO ROSETA
ANTÓNIO CARDOSO E CUNHA	PEDRO SANTANA LOPES
ANTÓNIO LACERDA	RUI MACHETE
CARLOS MACEDO	
DIOGO FREITAS DO AMARAL	AOS OLHOS
EURICO DE MELO	DE UMA NOVA GERAÇÃO
GONÇALO RIBEIRO TELLES	
JOÃO BOSCO MOTA AMARAL	ANTÓNIO CARMONA MENDES
JOÃO LUÍS SILVA CARVALHO	DANIEL FANGUEIRO
JOÃO MORAIS LEITÃO	GONÇALO SARAIVA MATIAS
JOAQUIM PINTO MACHADO	MANUEL NEVES ADELINO
JORGE TERROSO	PEDRO ESTEVES
JOSÉ MANUEL DURÃO BARROSO	RICARDO ACTO
JÚLIO RESENDE	RICARDO FREIRE
LEONARDO RIBEIRO DE ALMEIDA	RICARDO PEREIRA ALVES
MAGALHÃES MOTA	RODRIGO MOITA DE DEUS
MANUELA TEIXEIRA	RUI TRINDADE